



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS – LÍNGUA INGLESA

ADEILSON DE JESUS OLIVEIRA JÚNIOR

***WHATCHAMACALLIT? SNAKES IN FLOWERS? WOODS IN TENTS? THAT TINY
DONUT, HOW GOOD DOES IT TASTE?***

Representações de sexualidades em memes de língua inglesa

Conceição do Coité – BA

2023

ADEILSON DE JESUS OLIVEIRA JÚNIOR

***WHATCHAMACALLIT? SNAKES IN FLOWERS? WOODS IN TENTS? THAT TINY
DONUT, HOW GOOD DOES IT TASTE?***

Representações de sexualidades em memes de língua inglesa

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, *Campus XIV*, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Neila Maria Oliveira Santana.
Coorientador: Prof. Dr. Raulino Batista Figueiredo Neto

Conceição do Coité – BA
2023

ADEILSON DE JESUS OLIVEIRA JÚNIOR

*WHATCHAMACALLIT? SNAKES IN FLOWERS? WOODS IN TENTS? THAT TINY
DONUT, HOW GOOD DOES IT TASTE?*

Representações de sexualidades em memes de língua inglesa

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Departamento de Educação, *Campus XIV*, Conceição do Coité, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas.

Aprovada em 10 de julho de 2023

Prof^a Dr^a Neila Maria Oliveira Santana - Orientadora
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Raulino Batista Figueiredo Neto – Coorientador
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Letícia Telles da Cruz – Membro da banca
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Evani Pereira Rodrigues – Membro da banca
Faculdade Brasileira do Recôncavo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, pois, ao Eterno, que é o TODO em quem estão todas as PARTES a quem também direciono minha gratidão;

Aos meus ancestrais, a quem devo, além de honra, as bases espirituais que fundamentam meu ser;

Aos meus familiares, pilares de minha sustentação nesse mundo, por vezes, hostil. Mãe, pai, irmãs. Também tias e tios, primos e primas. Principalmente, àquela que me ensinou a paciência e cuidado: minha vovó Elza (in memoriam);

Aos meus amigos e colegas de curso, pois foram vozes de incentivo necessárias à realização deste trabalho.

Aos meus mestres, que, com toda humanidade e afeição, conduziram-me nessa primeira etapa de minha vida acadêmica.

Aos meus orientadores, e agora pais acadêmicos, os professores Neila Maria Oliveira Santana e Raulino Figueiredo Neto. A confiança em mim depositada, o cuidado e a paciência que tiveram para comigo foram cruciais na feitura deste trabalho.

Ao GESCOG – Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva, pelos momentos de aprendizagem proporcionados; em especial, à professora Evani Rodrigues, pelas contribuições diretas a este trabalho.

Ao Colegiado de Letras – Inglês do Campus XIV da UNEB, por toda preparação e responsabilidade ao longo dos meus anos na graduação.

Nomes precisam ser proferidos porque carregam a essência de cada ser. Estendo minha gratidão a estes seres de luz cuja essência e presença tornaram tudo mais leve: mais carinhosamente, a Camila e Carol, minhas irmãs e parceiras dos estudos da linguagem; meu pai, Adeilson, e minha mãe, Edinei, que fizeram muito do que sou; aos mestres Neila Santana, Raul, Letícia, Cristina Eluf, Neila Roberta, Rita Sacramento e Marilene Maia, pela gentileza no tocar a vida de seus aprendizes; e aos amigos e colegas César Filho, Valdinete, Miguel e Flávia, por todo apoio.

Por fim, a mim, que também sou PARTE neste TODO. A mim, que decidi enfrentar os obstáculos quando tudo pareceu tão difícil e irrealizável. A mim, porque, como parte, optei por honrar o todo.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de análise memes produzidos em língua inglesa, disponíveis na internet. O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é estudar as conceptualizações das sexualidades *penis, vulva / vagina e anus* em textos multimodais com vistas ao papel de *affordances* neste processo. Os pressupostos teórico-metodológicos que nortearam esta pesquisa foram os da Linguística Cognitiva, a saber: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais, Teoria da Metáfora e Metonímia Multimodais, Esquemas de Imagens, Semântica de *Frames* e Mesclagem Conceptual com integração de *affordances*, conceito que parte da Cognição Ecológica, sendo o estudo embasado nas discussões realizadas por autores como Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987, 2017), Almeida (2016, 2018), Duque (2010, 2015), Forceville (2006), dentre outros. Como a interdisciplinaridade é um compromisso teórico da Linguística Cognitiva, o estudo do corpus estabeleceu diálogo com conhecimentos de outras áreas, a saber a Biologia, Antropologia e Psicologia. Esta é uma pesquisa qualitativa, descritivo-interpretativa, bibliográfica e documental, pautada no paradigma da introspecção em que se discutiu os mapeamentos metafóricos e metonímicos, assim como os esquemas de imagens que estruturam esses mapeamentos, ancorados em frames e mesclagens conceptuais. Os resultados revelam que há diferentes formas para conceptualizar as sexualidades *penis, vulva / vagina e anus*; que os domínios alvo e fonte das metáforas conceptuais instanciadas são ativados pelas diferentes semioses; que os frames acionados pelas semioses no processo de significação revelam a estrutura bio-psico-sócio-histórico-cultural em que os conhecimentos do/a conceptualizador/a estão ancorados; e que processos cognitivos, como a Mesclagem Conceptual, atuam na formação de eufemismos / disfemismos que ampliam a rede onomasiológica das sexualidades *penis, vulva / vagina e anus*.

Palavras-chave: Sexualidades. Memes. Linguística Cognitiva. Conceptualização. Modelos Cognitivos Idealizados. Mesclagem Conceptual.

ABSTRACT

The present research focuses on the analysis of memes produced in English available on the internet. The general objective of this undergraduate thesis is to study the conceptualizations of the sexual organs “penis”, “vulva/vagina”, and “anus” in the mentioned multimodal texts, considering the role of affordances in this process. The theoretical and methodological assumptions that guided this research were those of Cognitive Linguistics, namely: the Theory of Idealized Cognitive Models (ICMs), Conceptual Metaphor and Metonymy Theory, Multimodal Metaphor and Metonymy Theory, Image Schemas, Frame Semantics, and Conceptual Blending with the integration of affordances, a concept derived from Ecological Cognition. The study is based on discussions by authors such as Lakoff and Johnson (1980), Lakoff (1987, 2017), Almeida (2016, 2018), Duque (2010, 2015), Forceville (2006), among others. As interdisciplinarity is a theoretical commitment of Cognitive Linguistics, the study of the corpus established a dialogue with knowledge from other fields, namely Biology, Anthropology, and Psychology. This is a qualitative, descriptive-interpretive, bibliographic, and documentary research, based on the paradigm of introspection, in which metaphorical and metonymic mappings were discussed, as well as the image schemas that structure these mappings, anchored in frames and conceptual blends. The results reveal that there are different ways to conceptualize the sexual organs “penis”, “vulva/vagina”, and “anus”. The target and source domains of instantiated conceptual metaphors are activated by different semiotic modes. The frames activated by semiotic modes in the process of signification reveal the bio-psycho-socio-historical-cultural structure in which the knowledge of the conceptualizer is anchored. Moreover, cognitive processes, such as Conceptual Blending, contribute to the formation of euphemisms/dysphemisms that expand the onomasiological network of the sexual organs “penis”, “vulva/vagina”, and “anus”.

Keywords: Sexual organs. Memes. Cognitive Linguistics. Conceptualization. Idealized Cognitive Models. Conceptual Blending.

SUMÁRIO

PRELIMINARES	7
1 MONTE DE VÊNUS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	11
1.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA	11
1.1.1 Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados	13
1.1.1.1 Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais	14
1.1.1.2 Teoria da Metáfora e Metonímia Multimodais	16
1.1.1.3 Teoria dos Esquemas de Imagem.....	18
1.1.1.4 Semântica de Frames	19
1.1.2 Mesclagem Conceptual	19
2 KAMA SUTRA: É ASSIM QUE FAZ	21
2.1 METODOLOGIA EM LC: A PEGADA FORTE DO(A) PESQUISADOR(A)	21
2.2 DIRTY TALK: O CARÁTER DA PESQUISA.....	23
2.3 DO <i>CORPUS</i> AO CORPO: CONSTITUIÇÃO E ESTUDO DOS DADOS	24
2.3.1 Meme: o leito multimodal para a cópula analítica	24
2.3.2 Arfando desejos: selecionar o <i>corpus</i> e preparar o corpo.....	25
2.3.3 Estudo do <i>corpus</i> : a que(m) serve este corpo?	26
3 DESPINDO O <i>CORPUS</i>-CORPO	28
3.1 É UMA COBRA, É UM PAU E MAIS O QUÊ?	28
3.2 PARA SERVIR, DEGUSTAR E DESGOSTAR.....	33
3.3 É DE MIM: TABU, AROMAS, SABORES E DORES	37
3.4 DEVANEIOS DA MENTE-CORPO QUEERIFICADA : TOTEM E TABU EM PAU, BUCETA E CU	42
4 O GOZO, FONTE PARA MAIS CIO	47
REFERÊNCIAS	49

PRELIMINARES

A linguagem é o instrumento pelo qual a humanidade constrói o mundo. Esta pode parecer uma declaração absurda, à primeira vista, e muito mais ainda se entendida na superficialidade em que o arranjo de suas palavras se apresenta para nós. Para compreendermos quão preciosa é a linguagem na construção do mundo, precisamos pensar, com minudência, em como ela constitui o mundo como conhecemos.

Desde que nascemos, é com grande efervescência que nossos pais aguardam o momento em que diremos a primeira palavra. Todos à volta da criança que se manifesta, agora, como falante, iniciam um movimento de aprendizagem guiada de termos, comemorando cada sucesso e fazendo enternecer o coração a cada deslize de pronúncia produzido pelo bebê. Isto é um movimento muito maior do que simples aquisição de vocabulário e repetição de palavras: dá-se início ao infinito curso de conceitualização e categorização do mundo, das coisas do mundo, das relações no mundo.

É através desta linguagem que organizamos e articulamos o mundo dos conceitos que é, na verdade, um referencial construído por ela para que possamos entender o mundo físico, habitá-lo, relacionarmo-nos nele aprendendo e ensinando, construindo o que, pela mesma linguagem, chamamos de sociedade. A língua modela e expõe o pensamento, une o Mundo das Ideias ao Mundo dos Sentidos, dita e edita comportamentos ao longo do tempo – enquanto, por si mesma, demarca o tempo – e transforma as mais básicas das ações instintivas em rituais milenares ou em fortes demonstrações de poder.

Destarte, é mister considerar o estudo da linguagem um privilégio, pois ao conhecê-la, sabemos também de nós mesmos, de como operam, no mundo que conceitualizamos, nosso pensamento, entendimento, sentimentos, e de tudo que mobiliza nossos atos. Em se tratando de seu estudo, a tradição das pesquisas linguísticas nos impõe certa abordagem dualista de estudo e análise da linguagem humana. Desde os pressupostos estruturalistas saussurianos, surgidos no início do século XX com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, somos impelidos a adotar uma abordagem linguística baseada em dicotomias – signo e significado, sintagma e paradigma –, uma ideia que, mesmo depois da infértil proposição da relação entre língua e cultura por Eduard Sapir no campo dos estudos linguísticos, passando por Leonard Bloomfield e sua influência na linguística americana, se estende até mesmo a teoria gerativista, a partir de 1957, que, embora cognitivista, traz concepções duais como competência e desempenho.

Embasada nos estudos cognitivistas, esta pesquisa se constitui num estudo empirista que, norteado pelos pressupostos teóricos da Semântica Cognitiva, tem como objeto de análise

a conceptualização das sexualidades¹ em memes anglófonos disponíveis na internet e situa a análise da construção do sentido em uma perspectiva holística da linguagem. A Semântica Cognitiva é uma das subáreas da Linguística Cognitiva cuja concepção de linguagem leva em consideração também a experiência do indivíduo num ambiente que é social e cultural, assumindo que a construção de sentido é produto de um processo conceptual que integraliza mente, corpo e contexto.

Esse conceito de linguagem é importantíssimo a este trabalho, que visa o estudo das conceptualizações das sexualidades em memes produzidos em língua inglesa. Para tanto, será necessário lançar mão das teorias que lidam com os conceitos de construção de sentidos, dos processos cognitivos do ser humano como, por exemplo, a percepção dentro dos pressupostos da psicologia ecológica, o que é possível graças ao aspecto interdisciplinar da Linguística Cognitiva; constitui-se necessário, também, compreender conceitos da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposta por Lakoff (1987), Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais, Teoria da Metáfora Multimodal, Esquemas Imagéticos, Semântica de *Frames*, Mesclagem Conceptual e, de forma secundária, da Cognição Ecológica (*affordances*).

Em se tratando de corpo humano, e em especial das sexualidades, muitas expressões metafóricas são evocadas, sendo este fenômeno não somente exclusividade da língua portuguesa: estima-se que em inglês haja em torno de 1000 expressões para pênis e 1200 para vulva / vagina (ALLAN; BURRIDGE, 2006 *apud* SALES DE OLIVEIRA, 2011). Segundo Kröll (1984 *apud* SALES DE OLIVEIRA, 2011), o grau de variabilidade desses termos e expressões é bastante alto, como também o são sua vitalidade e capacidade de renovação, e entram aí inúmeras metáforas como “nome de animais, frutos e instrumentos musicais” (KRÖLL, 1984, p. 82 *apud* SALES DE OLIVEIRA, 2011, p. 464).

Destarte, esse trabalho intenta identificar e verificar a construção de sentido e atualização da rede onomasiológica dos conceitos através da conceptualização e categorização – e com vistas ao papel de *affordances* neste processo – destas sexualidades. Espera-se, com isso, ampliar os estudos, na ambiência acadêmica do Campus XIV da UNEB, acerca dos processos cognitivos relacionados à linguagem no campo da Linguística Cognitiva, uma vez que diversos estudos têm sido desenvolvidos, atualmente, dentro de seu escopo teórico, especialmente em

¹ Optamos pelo uso do termo “sexualidade” para fazer referência a *penis*, *vulva / vagina* e *anus*. Este termo, de fato, já consta em escritos acadêmicos, como na tese de Pierre Normando Gomes-da-Silva intitulada “O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade”. Sexualidade, neste trabalho, surge como uma alternativa categórica mais ampla aos órgãos do corpo humano que protagonizam a performance sexual, que servem à obtenção de prazer, mas que não são genitálias. A respeito disso, é importante destacar que “genitália”, da raiz grega *gēnos*, relaciona-se com o aspecto reprodutor dos órgãos sexuais, e estes nem sempre são usados com propósito exclusivamente reprodutivo.

Semântica Cognitiva, direcionados ao estudo da semantização decorrente de nossa experiência corporificada no ambiente, cabendo destacar que este é um trabalho de pesquisa pioneiro no curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas do DEDC – Campus XIV, uma vez que as monografias tendem às áreas da Tradução, Ensino, Literatura e Língua e Cultura. Para além de tudo isso, e não além, uma vez que é uma motivação primeira, este trabalho baila compassadamente à minha queeridade e à excentricidade de um corpo-tabu que, em sua (atu)ação no mundo, funde-se à excêntrica desta proposição de pesquisa-tabu de modo a liberar-se.

Baseadas nos estudos de Lakoff e Johnson (1980), principalmente a partir da publicação do livro *Metáforas da vida cotidiana*, muitas das pesquisas se debruçaram sobre a análise de metáforas conceituais. Outras, não tão abundantes e inspiradas na psicologia ecológica de Gibson (1979), integram ao estudo da construção de sentidos o conceito de *affordances* – como, por exemplo, a tese *Implicações discursivas das expressões idiomáticas sob a ótica da análise construcional do discurso* (SILVA, 2016) e o artigo *Por uma abordagem ecológica da linguagem* (DUQUE, 2015) – textos, esses, que também motivaram a presente pesquisa.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso foi o de estudar as conceptualizações das sexualidades em textos multimodais (memes) em língua inglesa, com vistas ao papel de *affordances* neste processo. A partir do objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: i. compreender os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, a saber: pressupostos da Linguística Cognitiva, como a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), Teoria da Metáfora e Metonímia Conceituais, Teoria da Metáfora Multimodal, Esquemas Imagéticos, *Frames*, Mesclagem Conceptual com integração de *affordances*, conceito que parte da Cognição Ecológica; ii. verificar e explicitar como atuam os processos cognitivos – como o da percepção sensorial, do pensamento, da memória e mesclagem conceptual – na conceptualização das sexualidades em memes produzidos em língua inglesa; e iii. analisar como as *affordances* estão integradas neste processo de significação.

Para tanto, a pesquisa caracteriza-se pela sua abordagem qualitativa, bibliográfica e documental. Vale-se da abordagem qualitativa porque esta visa a compreensão empírica do *corpus*, através da observação, descrição e interpretação do processo de conceptualização através da linguagem, não precisando se pautar na quantificação de dados. Configura-se, também, como bibliográfica porque será necessário fazer um apanhado geral sobre principais trabalhos já realizados e que subsidiarão toda a teoria necessária a esta pesquisa; é também documental, pois, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 174), “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”.

O *corpus* analisado é formado por textos multimodais, a saber, memes coletados a partir da plataforma Google de pesquisa on-line. Estes foram divididos em três grupos compostos, cada um, por dois memes. O primeiro grupo é constituído por memes que têm por tema PENIS; o segundo, VULVA / VAGINA²; e, por conseguinte, o terceiro grupo com o tema ANUS. É importante ressaltar que estes memes são produtos da cultura anglófona, por isso estarão em língua inglesa.

A fim de apresentarmos os resultados da pesquisa que culminou neste trabalho de conclusão de curso, dividimo-lo em três seções. A primeira seção, *Monte de Vênus: pressupostos teóricos*, delimita e explicita o arcabouço teórico que embasou a pesquisa. Está dividida em subseções que apresentam os construtos teóricos, separadamente, a saber: *Linguística Cognitiva*, que apresenta seus pressupostos teóricos e caminhos percorridos desde seu surgimento; também abordaremos *Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais* e *Teoria da Metáfora e Metonímia Multimodal*, *affordances* e um apanhado sobre *Modelos Cognitivos Idealizados*, *Frames*, *Esquemas de Imagem* e *Mesclagem Conceptual*. Na segunda seção, *Kama Sutra: é assim que faz*, apresentamos as questões teórico-metodológicas implicadas neste trabalho, sua abordagem de pesquisa e discorremos sobre as escolhas de procedimentos feitas em relação ao estudo do *corpus* da pesquisa apresentado na seção *Despindo o corpus-corpo*, na qual também descrevemos as reflexões e interpretações oriundas do estudo do *corpus*. Por fim, apresentamos nossas (in)conclusões na seção *Gozo, fonte para mais cio* seguida pela seção *Referências* com a bibliografia utilizada.

² Neste trabalho, optamos por utilizar *vulva* e *vagina* como sinônimos, embora, do ponto de vista anatômico, estejam em categorias distintas da sexualidade feminina anterior. No caso em questão, entende-se que o indivíduo conceptualizador-categorizador não tende a fazer essa distinção categórica, portanto ambas as construções, *vulva* e *vagina* são contíguas em mesma categoria.

1 MONTE DE VÊNUS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, fazemos saber acerca dos pressupostos teóricos utilizados neste estudo. Começaremos tratando a respeito da Linguística Cognitiva (LC), seus princípios e características. Em seguida, discorreremos sobre as teorias da LC essenciais à pesquisa realizada, a saber Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais, Teoria da Metáfora e Metonímia Multimodais, Teoria dos Esquemas de Imagem, Semântica de *Frames* e Mesclagem Conceptual.

1.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA

A pesquisa proposta tem como base os construtos teóricos da LC que é um aglomerado resultante de uma série de teorias distintas que se integram para redesenhar o conceito de linguagem e seus diferentes aspectos.

A linguagem humana possui um vínculo estreito com o pensamento e é por isso que esta não pode estar dissociada da cognição. A partir daí, a Semântica Cognitiva (SC), subárea da LC, que tem como marco a publicação do livro *Metaphors We Live By*, de George Lakoff e Mark Johnson, no ano de 1980, apresenta a cognição como mediadora da relação que se dá entre palavra e contexto, de modo que, nesta concepção, o significado é construído através das experiências do indivíduo com o mundo.

A LC surge na segunda parte do século XX, mais especificamente entre os finais da década de 70 e início da década de 80, como um manifesto de insatisfação com as pesquisas linguísticas sintaticamente baseadas, herdadas do movimento linguístico gerativista. O termo foi adotado, primeiramente, pelos proeminentes estudiosos da área que se desenhava à época, como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier. Embora esses autores concordassem com a visão cognitivista do gerativismo, viam a necessidade de propor um viés teórico que abarcasse as relações entre forma e significado – sintaxe e semântica – na teoria linguística.

Para Silva (2009), é no Gerativismo de Chomsky que, talvez, a Linguística direciona-se à interdisciplinaridade, uma vez que ele se utiliza de conceitos da Psicologia para constituir sua teoria, ao associá-la ao desenvolvimento cognitivo e biológico do falante. Além disso, é sabido que a Linguística Gerativa entende a linguagem como um módulo independente de outros módulos cognitivos (como a atenção, percepção, raciocínio) e, no domínio da linguagem, o

módulo sintático, por pensar-se que apresenta princípios próprios e independentes, é priorizado em detrimento dos demais aspectos da língua como a semântica e fonologia.

Em contrapartida, a LC percebe a linguagem em uma perspectiva não-modular, ou seja, o módulo cognitivo da linguagem não é mais entendido como sendo independente de outros módulos cognitivos (percepção, atenção, memória e raciocínio) (FERRARI, 2015) e essa nova visão implica a ideia de que a significação depende, também, dos recursos físicos e biológicos dispostos no ecossistema do qual somos parte, já que a cognição se desenvolve nessa relação organismo-ambiente. A linguagem é, portanto, mediadora entre pessoas e pessoas, pessoas e recursos, pessoas e instituições (DUQUE, 2015).

Dentro da perspectiva da LC, a linguagem é tida como instrumento de organização. O significado passa a ser compreendido como uma “construção mental em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais.” (FERRARI, 2015, p. 15).

Outra característica da LC é o enfraquecimento das dicotomias que sempre costumou atingir os estudos do significado, numa perspectiva dual da construção dos sentidos das palavras que tende, geralmente, a se dividir em pares de conceitos que mantém certa distância como, por exemplo, o que é literal e o que é figurado. É também, por esse motivo, que os estudos das ditas figuras de linguagem – como metáfora e metonímia, por exemplo – é destinado a Pragmática, enquanto a Semântica ocupa-se do sentido literal (LENZ, 2013).

Almeida (2016), em seu artigo sobre conceptualizações em redes sociais, aponta que as chamadas figuras de linguagem

[...] passaram a ser vistas, em SC e, portanto, em LC, como figuras do pensamento com valor cognitivo, funcionando como mecanismos com os quais a espécie humana compreende e constrói o mundo, ou, mais precisamente, ainda, essas figuras passaram a ser vistas como elementos com os quais o ser humano conceptualiza o mundo que o rodeia e com o qual interage e onde acontece a interação com outros seres de sua espécie, com outros viventes e com tudo mais que a humanidade percebe e conceptualiza. (ALMEIDA, 2016)

Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora e a metonímia, agora, não são apenas recursos da linguagem artística, resguardadas ao uso estilístico da poesia ou prosa bem elaborada. Agora, elas são, dentro da Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptual formulada pelos autores, entendidas como figuras de pensamento, instrumento da conceptualização humana do mundo, das quais trataremos melhor adiante.

1.1.1 Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Para um estudo mais assertivo dos textos que compõem nosso *corpus*, é imperioso trazer à luz conceitos importantes que compõem o grande arquipélago teórico da LC. Por esta necessidade, apresentaremos com brevidade os Modelos Cognitivos Idealizados, as teorias da Metáfora e Metonímia Conceptuais e da Metáfora e Metonímia Multimodais, o conceito de *frames* dentro da Semântica de *Frames* e os Esquemas Imagéticos.

Um dos processos cognitivos fundamentais para entendermos o que são os MCIs é a categorização, por permitir ao sujeito que categoriza separar experiências individuais e coletivas, organizando as entidades em categorias ou redes. Segundo Rodrigues (2022, p. 81), este processo de categorizar “envolve fazer agrupamentos, separar objetos, sentimentos, atividades a partir de semelhanças de família”, e culmina na construção do significado. Para Lakoff (1987 *apud* RODRIGUES, 2022, p. 82), toda e qualquer ação nossa, toda organização do nosso pensamento, percepção e discurso pressupõem uma categorização e isto acontece, apenas, a partir de um MCI.

Podemos entender MCIs, a partir do que afirmam Duque e Costa (2012, p. 76 *apud* RODRIGUES, 2022, p. 83), como um conhecimento que é “produzido socialmente e disponibilizado culturalmente, e representa um papel relevante para a cognição humana, viabilizando o gerenciamento e uso do conjunto de experiências diárias de nossa vida”. Ainda para Rodrigues (*idem*), estas estruturas que organizam nosso conhecimento são maleáveis, não estanques, de forma a permitir categorizações e recategorizações e, conseqüentemente conceptualizações e reconceptualizações.

A fim de elucidar o conceito de MCI, tomemos como exemplo o Modelo Cognitivo Idealizado de MULHER acionado na década de 1930, em uma sociedade mais religiosamente fundamentada, patriarcal, de ideologia política predominantemente conservadora e valores morais de base judaico-cristã. Este MCI se organiza em torno de um protótipo de uma mulher biologicamente atribuída feminina ao nascer, esposa, mãe, e submissa ao marido e ao lar. Além disso, o conceito desta mulher se relaciona aos *frames* do casamento, da maternidade, da dona de casa, da intimidade sexual, entre outros, que são as estruturas mentais que representam essas categorias conceptuais ou as situações como um todo. Este mesmo conceito de mulher também é estruturado em termos de esquemas imagéticos, como CENTRO-PERIFERIA, em que o marido está posicionado ao centro da relação, e a mulher assume uma posição periférica na família, em relação a ele, ou mesmo o esquema PARTE-TODO, pois a mulher é vista como um elemento indispensável no gerenciamento da casa, não podendo jamais faltar ao lar.

Como mencionamos, os MCIs são estruturas de conhecimento socialmente produzidas, compartilhadas culturalmente e bastante maleáveis. Desta forma, MCIs diferentes de MULHER podem ser acionados em épocas distintas ou mesmo em lugares distintos, mas no mesmo recorte temporal. Em uma determinada sociedade ou em outro tempo à frente, questões identitárias podem adquirir maior atenção do que questões biológicas, ou as relações de trabalho e família podem mudar. Assim, haverá também alteração das relações das estruturas internas de um MCI, bem como a sua associação a outros MCIs pode ser atualizada, culminando em processos de recategorização e reconceptualização.

1.1.1.1 Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais

Em uma discussão em um grupo de estudos na Universidade da Califórnia em Berkeley, em 1978, o professor George Lakoff, como conta em vídeo disponível na plataforma de compartilhamento *YouTube*³, liderava um estudo de texto sobre metáfora, parte do conteúdo proposto no curso *Performance art in Linguistics*, que ministrava naquela universidade num dia chuvoso. Ao dirigir uma pergunta a respeito do tema a uma aluna que acabara de chegar toda molhada, ela lhe disse que não teria condições de respondê-lo, pois tinha um problema metafórico: seu namorado tinha lhe dito “nosso relacionamento chegou a uma estrada sem fim”. Ao tentar ajudá-la a entender o que seu namorado lhe tinha dito, o professor percebeu que havia uma gama de expressões metafóricas na língua inglesa que traziam a metáfora conceptual RELACIONAMENTO É UMA VIAGEM. Daí em diante decorreriam os estudos que seriam trazidos, mais tarde, em seu livro *Metaphors we live by*, à luz da LC. Lakoff e Johnson (1980) explicam como as metáforas e metonímias são mais do que simplesmente um recurso estilístico da linguagem literária.

Segundo Santana (2019), durante muito tempo, esta concepção de metáfora dominou a cultura ocidental, entendida como “um artifício de embelezamento da linguagem, sem guardar qualquer relação com os fenômenos cognitivos” (SANTANA, 2019, p. 37). Esta ideia parte de Aristóteles (1997, p. 42 *apud* SANTANA, 2019, p. 36) ao definir a metáfora, na Grécia Antiga, como sendo “a transferência do nome de uma coisa para outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia”.

Na Teoria da Metáfora Conceptual, elas são parte do nosso dia a dia, não somente um adorno para a linguagem poética, como se convencionou dizer. Deste modo, estas estariam

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7_cexWKE7sE. Acesso em 17 fev. 2020.

presentes também na linguagem científica, que outrora não teria permitido o uso dessa chamada figura de linguagem.

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 3) apresentam a linguagem como sendo amplamente metafórica, além de afirmarem que “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Para eles, o que estrutura o nosso sistema conceptual são as experiências físicas e culturais. Esse pressuposto ratifica a ideia de que nós agimos e pensamos de forma metafórica e também metonímica, uma vez que esses processos estão presentes em nosso cotidiano.

Deste modo, pensar nosso sistema conceptual como sendo estruturado, majoritariamente, por metáforas conceptuais implica assumir que os conceitos que apreendemos são entendidos em termos de outros. Isto é, fazemos mapeamento de dois domínios, geralmente, compreendendo um domínio mais abstrato em termos de um outro, mais concreto. Ao primeiro, chamaremos domínio-fonte, que é bem estruturado e significativo, usado para conceituar, e o segundo será o domínio-alvo, que necessita de estruturação para que possa ser compreendido, ou conceituado (SANTANA, 2019). Essas metáforas conceptuais, que estruturam expressões linguísticas, serão representadas em letras maiúsculas seguindo o padrão DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE⁴.

Um exemplo clássico trazido por Lakoff e Johnson é o da metáfora conceptual AMOR É VIAGEM. Esta é instanciada por inúmeras expressões linguísticas cotidianas como “esta relação já foi longe demais” ou “chegamos a um beco sem saída”. Aqui, entendemos o AMOR, domínio da experiência que se quer compreender, em termos de VIAGEM, um domínio da experiência mais concreto.

De modo semelhante, a metonímia também não é um fenômeno puramente linguístico, em que uma palavra que é utilizada para designar determinado elemento tem seu significado deslocado para designar uma entidade contígua. Nos estudos de SC, a metonímia ocupa um papel central nos processos cognitivos humanos.

Os autores Lakoff e Johnson (1989 *apud* FERRARI, 2011, p. 102) apontam que a contiguidade “é estabelecida em termo de associação de experiência” em que a projeção, diferente da metáfora, envolve apenas um domínio. Cabe destacar que os estudos de metonímia não têm sido tão proeminentes quanto os estudos de metáfora, embora muitos autores tenham dedicado mais atenção ao processo, chegando mesmo a “sugerir que este é mais fundamental para nosso sistema cognitivo do que a metáfora” (FERRARI, 2011, p. 104-105).

⁴ Esta é uma notação proposta por Lakoff e Johnson (1980) que também adotamos neste trabalho.

Quanto à classificação das relações metonímicas na LC, Barcelona (2012 *apud* SANTANA, 2019) afirma que não há uma tipologia única, mas os critérios podem ser levantados pelos autores que se debruçam sobre o estudo das metonímias e, conforme sua intenção, que julgam ser mais relevantes. Este mesmo autor apresenta alguns de seus critérios, sendo o primeiro desenvolvido a partir da conexão domínio-fonte e domínio-alvo, apresentando, a partir daí, alguns tipos mais recorrentes como “LOCALIZAÇÃO E LOCALIZADO (Brasil por Governo Brasileiro), PRODUTOR E PRODUTO (autor pelo livro), CAUSA E EFEITO (perdição e causa da perdição)”. Seguindo o critério de grau de abstração da metonímia, o autor afirma ser possível classificá-las em TODO PELA PARTE, PARTE PELO TODO e PARTE PELA PARTE. A exemplo, Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 93) apresentam a metonímia do tipo PARTE PELO TODO: “precisamos de boas cabeças no projeto”, em que “boas cabeças” é a parte que representa o todo, “pessoas inteligentes”.

A seguir, vejamos como os teóricos abordam a metáfora e a metonímia em textos multimodais, uma vez que estes são os componentes do *corpus* que será analisado neste estudo.

1.1.1.2 Teoria da Metáfora e Metonímia Multimodais

Em trabalhos pioneiros, a metáfora e a metonímia conceptuais, como figuras de pensamento, foram abordadas por Lakoff e Johnson (1980) em seu aspecto monomodal, ou seja, no texto verbal.

A ideia de que a metáfora é, antes de tudo, figura de pensamento, portanto é fruto do processo cognitivo humano para depois tornar-se parte da linguagem, requer, segundo Forceville (2016), a aceitação de que as metáforas precisariam existir em modalidades não-verbais. Nasce assim a Teoria da Metáfora Multimodal que é, segundo Forceville (2006, p. 384 *apud* FORCEVILLE, 2016, tradução nossa), “metáforas nas quais os domínios fonte e alvo estão representados exclusiva ou predominantemente em modos diferentes⁵”.

Os memes que foram documentados para o desenvolvimento desta pesquisa configuram-se como multimodais, pois abarcam os diferentes modos postulados por Forceville. A respeito da conceptualização neste tipo de multimodal, Almeida (2016) declara que:

Variados modos semióticos são interconectados pelo(a) conceptualizador(a), em sua elaboração e em sua compreensão dos mais diversos textos multimodais, logo, o sentido é gerado pelas diferentes pessoas

⁵ Tradução do original: “metaphors whose target and source are each represented exclusively or predominantly in different modes.”

conceptualizadoras que promovem a interação desses distintos modos semióticos, já que os multimodais são constituídos pela interconexão de semioses diversas. (ALMEIDA, 2016)

De acordo com Forceville (2009 *apud* ALMEIDA, 2016), as metáforas monomodais se diferem das multimodais pelo fato de que, nas primeiras, domínios fonte e alvo encontram-se representados na mesma modalidade, enquanto na segunda, são percebidos em modalidades distintas. Além disso, quando os domínios de uma metáfora são representados pictoricamente, estes são interpretados concretamente, o que envolve formas específicas, cores, texturas e tantos outros aspectos que decorrem da percepção visual (FORCEVILLE, 2016). Esse conhecimento visual do mundo será aqui designado, conforme Duque (2015), *affordances*.

Esta pesquisa, de forma periférica, lançará mão do conceito de *affordances* apresentado por Silva (2016, p. 78) que as classifica com como sendo “a grosso modo, as características físicas apresentadas pelos objetos que instanciam e modelam a maneira como os indivíduos manipulam as coisas e agem no ambiente” (SILVA, 2016, p. 78). É pretendido, também, com a análise de dados nesta pesquisa, compreender como as *affordances* integram-se às metáforas multimodais na construção de sentido, já que segundo Duque (2015), os indivíduos as extraem dos corpos físicos do ambiente e estas “restringem a maneira como as ideias podem ser coerentemente combinadas” (DUQUE, 2015, p. 55).

Em se tratando da metonímia multimodal, Almeida (2016) afirma que “as imagens podem funcionar como ponto de referência para, cognitivamente, ativarem outra imagem ou manifestação linguística”. Baseada em Radden e Kövecses (2007), a autora conjectura a metonímia multimodal como aquela em que, “em um mesmo Modelo Cognitivo Idealizado, veículo e meta são ativados por diferentes modos, enquanto, na metonímia monomodal, ambos seriam acionados por um mesmo modo” (ALMEIDA, 2016 p. 105). Em suma, na multimodalidade, é através de modos distintos que o veículo promove acesso mental ao alvo.

Neste trabalho, adotaremos, como notação para as metáforas multimodais, a classificação estabelecida por Rodrigues (2020), desenvolvida a partir das categorias propostas por Andrade (2016 *apud* RODRIGUES, 2020). Conforme Andrade (*idem*), há quatro categorias de metáforas multimodais, sendo elas:

A) Alvo multimodal é fonte visual: conceptualização em que o domínio-alvo é instanciado através de, pelo menos, dois modos da linguagem e o domínio-fonte pelo modo verbal; B) Alvo verbal é fonte multimodal: nesse caso, a situação é inversa à primeira, pois o domínio-alvo é instanciado pelo modo verbal enquanto o domínio-fonte acha-se através de, pelo menos, dois modos da linguagem; C) Alvo verbal é fonte visual: nesse caso, a ativação do domínio-alvo se dá através do modo verbal e o domínio-fonte pelo modo

visual; D) Alvo multimodal é fonte multimodal: nessa categoria, tanto o domínio-alvo quanto o domínio-fonte são ativados através de, pelo menos, dois modos da linguagem, ao mesmo tempo. (ANDRADE, 2016 *apud* RODRIGUES, 2020)

Rodrigues (2020) ainda acrescenta que em textos multimodais é possível a ativação de metáforas em que um dos domínios fonte ou alvo é instanciado em um único modo, verbal ou visual. Podem surgir, então, metáforas do tipo Alvo Verbal é Fonte Verbal.

A autora ainda lança luz ao fato de “que podemos categorizar conceptualizações considerando o acionamento dos domínios alvo e fonte através de inferências construídas a partir de pistas verbais e/ou verbo-imagéticas” (RODRIGUES, 2020, p. 128) e faz isso considerando o que afirma Lima (2017, *apud* RODRIGUES, 2020) a respeito da apresentação do referente em um texto verbal ou multimodal, já que este pode nem sempre “homologado na superfície textual, mas pode ser recuperado pela ancoragem nas estruturas e no funcionamento cognitivo, a partir de pistas verbais e imagéticas presentes no referido texto.” (LIMA, 2017, p. 235 *apud* RODRIGUES, 2020, p. 127).

Desta forma, metáforas multimodais identificadas podem ser, por exemplo, classificadas como Alvo Inferência Verbal é Fonte Visual, caso a instanciação do domínio-alvo for inferida através dos frames evocados pelas pistas verbais e o domínio-fonte estiver explicitado no recurso pictórico do texto multimodal.

1.1.1.3 Teoria dos Esquemas de Imagem

Além de gerenciarem a cognição humana e estarem estritamente atrelados à percepção cultural de cada indivíduo, os MCIs também se estabelecem por meio de domínios da experiência humana. Ferrari (2011, p. 49) afirma, com base em Langacker (1987, p. 147), que “o domínio é o contexto de caracterização da unidade semântica, domínios mais básicos são aqueles que apresentam estreita ligação com a experiência corporal: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, dor e cor.”. Compreende-se, portanto, que os MCI's são organizados a partir da esquematização da experiência corpórea. Por conseguinte, considera-se que os modelos cognitivos interrelacionam-se formando redes, assim um modelo cognitivo associa-se a outros modelos cognitivos.

Esses esquemas de imagem emergem das relações corpóreo-espaciais e constroem sentido por meio de estímulos provenientes da interação do indivíduo com o mundo. Entendemos, assim, que as experiências sensoriais e perceptuais estão ancoradas nas

experiências corporais. Segundo Johnson (1987 *apud* RODRIGUES, 2022, p. 98), nós utilizamos os esquemas de imagem como estruturas para organizarmos essa compreensão. Considerados por ele como mais importantes na estruturação de nosso conhecimento sobre o mundo, destacam-se: “RECIPIENTE, EQUILÍBRIO, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, CONTATO, CHEIO-VAZIO, CICLO, PERTO-LONGE, COMPULSÃO, BLOQUEIO, CONTRA-FORÇA, RESTRIÇÃO, REMOÇÃO, DESBLOQUEIO, ATRAÇÃO, POSSIBILITAÇÃO, ESCALA, FUSÃO, SEPARAÇÃO, COMBINAÇÃO, SUPERPOSIÇÃO, INTERAÇÃO, PROCESSO, SUPERFÍCIE, OBJETO, COLEÇÃO.” (JOHNSON, 1987 *apud* RODRIGUES, 2022, p. 98). Alguns esquemas de imagem podem relacionar-se com outros esquemas, uma vez que padrões de organização sofrem inter-relações.

1.1.1.4 Semântica de Frames

Lakoff (1987 *apud* RODRIGUES, 2022, p. 84) propõe que os MCIs “são também um conjunto complexo de *frames* distintos”. Os *frames* são compreendidos como estruturas proposicionais e têm nos trabalhos de Charles Fillmore o seu nascedouro. O desejo por uma semântica mais abrangente que pudesse explicar como usamos a linguagem para representar experiências e organizar nosso conhecimento, e levasse à exploração do significado lexical foi a força propulsora para o desenvolvimento da Semântica de *frames* por Charles Fillmore.

Para Fillmore (2009[1982] *apud* RODRIGUES, 2022, p. 107), *frame* é “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que para entender qualquer um deles, é preciso entender toda estrutura na qual se enquadram”. Desse modo, os *frames* se organizam em torno de protótipos que servem como ponto de referência mental para entender e categorizar outras instâncias de sua mesma estrutura. Como afirma o autor, podemos afirmar que “o frame estrutura os significados das palavras, e que a palavra ‘evoca’ o frame.” (FILLMORE, 2009[1982], p. 30 *apud* RODRIGUES, 2022, p. 107).

1.1.2 Mesclagem Conceptual

A teoria da Mesclagem Conceptual é uma abordagem cognitiva proposta por Gilles Fauconnier e Mark Turner que se propõe a explorar como a mente humana combina conceitos de diferentes domínios para criar novos significados e construir compreensão.

De acordo com a teoria, a mesclagem conceptual ocorre quando elementos de diferentes conceitos são combinados em uma nova estrutura mental, chamada de "mescla". Essa mescla

integra partes selecionadas dos conceitos originais e cria um novo significado emergente que pode diferir dos conceitos de origem. Duque (2010) descreve o processo de emergência do significado por meio da integração:

[...] o significado decorre da coexistência e cooperação de, pelo menos, quatro espaços mentais separados: dois ou mais *espaços de input*, contendo informações sobre determinados domínios considerados relevantes para o processamento cognitivo *on-line*, um *espaço genérico*, com estruturas abstratas, que são comuns a todos os espaços de *input*; e um *espaço-mescla*, onde as informações selecionadas a partir de todos os espaços de *input* são projetadas e, de onde, novos e inesperados significados podem emergir. (DUQUE, 2010)

Neste trabalho, a Teoria da Mesclagem Conceptual é aplicada no estudo da linguagem, processamento metafórico que resulta criação de estruturas emergentes eufemísticas por oferecer uma explicação sobre como a mente humana opera de forma flexível e criativa ao combinar conceitos e criar novos significados por meio da mesclagem de elementos mentais. É mister destacar que os novos significados construídos, isto é, a estrutura emergente, podem ser efêmeros para aquela dada situação de conversa / leitura e também individuais. Contudo, uma nova estrutura pode emergir da mesclagem e ser compartilhada culturalmente, ao longo do tempo, sendo, assim, convencionalizada.

2 KAMA SUTRA: É ASSIM QUE FAZ

O fazer científico não pode ser, jamais, reduzido a uma atividade improvisada. Concordamos com Lakatos e Marconi (2003, p. 83) quando dizem que “não há ciência sem o método científico”. Caso houvesse, ousamos dizer, a imprecisão de seus passos definidos randomicamente faria a pesquisa empreendida destoar de seus objetivos, culminando no que chamamos, aqui, de “destrabalho” científico ou o trabalho científico defectivo. Como produto disso, um empilhado de pesquisas questionáveis, lamentavelmente, se formaria como empecilho a novos estudos, uma vez que um trabalho de pesquisa concluído pode servir de base teórica para estudos posteriores. Neste sentido, é imprescindível que o/a pesquisador/a defina cuidadosamente o caminho que seu estudo irá traçar.

Os caminhos de uma pesquisa científica são muitos e a determinação destes varia conforme o problema levantado e os objetivos do/a pesquisador/a, que deve explicitar a forma de conduzir seu estudo – tarefa nada fácil. A esta explicação minuciosa feita com rigor das ações desenvolvidas no método do/a pesquisador/a, também da natureza de sua pesquisa, os instrumentos utilizados, fontes e forma pela qual compilou e estudou seus dados, chamamos de metodologia.

Demo (2011) aponta para a dificuldade de, em uma realidade tão complexa como a que vivemos, encontrarmos uma receita metodológica prontamente estabelecida a ser seguida, por isso é importante que haja flexibilidade metodológica. Santana (2019, p. 66) acrescenta que se faz necessário refletir acerca das possibilidades metodológicas existentes, de modo a garantir que a posição adotada pelo/a pesquisador/a esteja aberta a essa realidade complexa.

O presente capítulo desta monografia se debruça sobre as questões metodológicas inerentes ao trabalho aqui realizado. Destarte, abordaremos aqui os aspectos metodológicos que orientam o curso da pesquisa. É necessário, antes disso, pensarmos a metodologia em Linguística Cognitiva.

2.1 METODOLOGIA EM LC: A PEGADA FORTE DO(A) PESQUISADOR(A)

A enormidade das possibilidades teóricas dentro da LC torna ainda mais difícil determinar uma metodologia para os estudos que são desenvolvidos na área. Santana (2019) endereça essa complexidade ao fato de a LC ser heterogênea e multifacetada.

Para pensarmos o desenvolvimento da metodologia em LC, é importante nos voltarmos à obra de 1980 que lança os holofotes sobre os estudos acerca do processamento cognitivo da

metáfora, *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson. A obra, embora considerada um marco teórico da área, não provê, segundo Santana (2019, p. 67) “uma metodologia definida para o estudo desse fenômeno” que é a metáfora conceptual. Ainda versando sobre o tema, a autora diz que “os autores apresentam as metáforas que subjazem às expressões linguísticas, mas não especificam os procedimentos utilizados para identificá-las, deixando a metodologia, a critério da intuição de cada pesquisador.” (SANTANA, 2019, p. 67).

Passam a firmar-se, então, como processos centrais da interpretação linguística dentro da LC, a introspecção, a intuição e o empirismo, que vêm a ser, posteriormente, abordados por estudiosos da área, como, Fauconnier (1999), Geeraerts (2006) e Talmy (2007). Apesar de, assim como Lakoff e Johnson (1980), também não apresentarem uma metodologia específica, fazem uso do método da introspecção, pelo qual se dá a interpretação dos fenômenos linguísticos com base não apenas no conhecimento que se tem da língua ou na cognição linguística, mas também no conhecimento enciclopédico, ou conhecimento de mundo, e nos processos que subjazem a cognição não-linguística, como as crenças, as imagens mentais, memória, as intenções, as emoções, enfim, o conteúdo geral do pensamento.

Talmy (2007) versa sobre a metodologia da introspecção e afirma que embora central no desenvolvimento da LC, não é definitiva, pois possui limitações que levam o/a pesquisador/a a utilizar também outras metodologias. Fauconnier (1999) sugere que a escolha dessas metodologias, pelo linguista, deve se adequar ao objeto de estudo e os objetivos previamente estabelecidos do/a pesquisador/a, sempre atrelada ao uso concreto da linguagem, que é um dos princípios basilares da LC (SANTANA, 2019).

Um passo importante da metodologia em LC é a identificação das ocorrências para o estudo de conceptualização metafórica e metonímica. A respeito disso, Santana (2019) buscou, em sua bibliografia, teóricos da área que explicassem tais procedimentos. Como resultado, encontrou importantes trabalhos de autores, como Cameron (2003), Sardinha (2007), o grupo PRAGGLEJAZ (2007) e Steen et al. (2010), em que apresentam seus métodos de identificação desenvolvidos no decorrer dos anos, utilizados a fim de garantir consistência nas análises e evitar decisões arbitrárias. Entretanto, segundo a autora, este processo empreendido por eles está centrado apenas na forma de identificação de metáforas e seus estudos debruçam-se, majoritariamente, na análise do discurso, no exame de chamadas metáforas sistemáticas e no escopo da Linguística de *Corpus*, o que, como mostraremos a seguir, não é de interesse neste estudo.

2.2 DIRTY TALK: O CARÁTER DA PESQUISA

Como já mencionado, esta pesquisa tem por objetivo estudar a conceptualização de sexualidades em memes produzidos em língua inglesa. Caracteriza-se pelo caráter qualitativo de sua abordagem; é bibliográfica e documental, quanto aos seus procedimentos e, a partir de seus objetivos, descritivo-interpretativa.

A pesquisa qualitativa deste estudo se justifica nos princípios metodológicos da LC abordados na última seção, uma vez que se vale do método da introspecção, difundido em muitas pesquisas da área. Essa abordagem nasce no paradigma interpretativista, que surge como uma alternativa ao positivismo imperante no método científico do século passado. Pesquisas com essa perspectiva se preocupam com os aspectos não quantificáveis da realidade, enfocam a compreensão e explicação dos fenômenos e processos, que são seu objetivo central, além de considerar que existe uma relação de interdependência entre o indivíduo e o contexto. Visamos, aqui, à compreensão empírica do *corpus*, através da observação, descrição e interpretação do processo de conceptualização através da linguagem, não precisando se pautar na quantificação desses dados, o que confere a este estudo o caráter descritivo-interpretativo.

Neste ponto, é importante elucidar o conceito de interpretação e descrição em metodologia. Lakatos e Marconi (2003) definem a interpretação como “a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos [...] faz ilações mais amplas dos dados discutidos” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 168), em que o/a pesquisador/a se vale de outros conhecimentos para além daqueles teóricos já levados em consideração. A descrição, que é uma das características da pesquisa qualitativa, requer do/a pesquisador/a maior atenção àquilo que se observa, pois os detalhes são importantes para a compreensão mais abrangente daquilo que se estuda. Nesta pesquisa, o ato de descrever inclui expor minuciosamente as ocorrências encontradas, seus contextos, assim como a composição estrutural dos textos que compõem nosso *corpus* – os memes. Assim, a pesquisa descritivo-interpretativa corrobora com um dos compromissos teóricos da LC que é a interdisciplinaridade.

Esta pesquisa, além de descritivo-interpretativa, configura-se também como bibliográfica e documental. É bibliográfica porque foi necessário fazer um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados e que subsidiam toda a teoria necessária a este estudo. Através do levantamento bibliográfico, foi possível definir os construtos teóricos da área que contribuem para o tratamento dos dados, desde sua seleção, à descrição e interpretação.

É também documental, pois recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico. Segundo Lakatos e Marconi (2003), na pesquisa documental, “a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 174). O *corpus* desta pesquisa foi constituído por memes veiculados na internet, em língua inglesa, do qual falaremos na próxima seção.

2.3 DO *CORPUS* AO CORPO: CONSTITUIÇÃO E ESTUDO DOS DADOS

O *corpus* utilizado para a realização da pesquisa é composto por memes obtidos a partir da plataforma Google de pesquisa on-line. Estes estão divididos em três grupos compostos, cada um, por dois memes. O primeiro grupo é constituído por memes que terão por tema a sexualia PENIS; o segundo, relacionado à sexualia VULVA / VAGINA; e, o terceiro, à sexualia ANUS. Mas, antes de chegarmos à descrição das etapas de constituição do *corpus*, precisamos compreender dois conceitos que estão atrelados ao estudo feito nesta pesquisa: meme e multimodalidade.

2.3.1 Meme: o leito multimodal para a cópula analítica

O conceito de meme foi cunhado pela primeira vez pelo biólogo evolutivo e escritor britânico Richard Dawkins, em 1976, quando da publicação de seu livro *O Gene Egoísta*. Nele, Dawkins apresentou o conceito de meme, em analogia ao conceito de gene, como uma unidade de transmissão cultural que replica ideias e comportamentos com velocidade, podendo se multiplicar de cérebro para cérebro ou entre os locais de armazenamento de informação – um livro, uma partitura ou revista de moda, por exemplo. O termo meme foi cunhado a partir do termo de origem grega *mimeme*, significando “algo imitado”.

Quando registrou a sua hipótese, Dawkins versava sobre a Memética, estudo formal dos memes, que aplicava os conceitos da teoria da evolução genética à evolução cultural humana, a fim de explicá-la. À época, não se pensava, ainda, nos textos multimodais que são amplamente propagados na internet. Nestes últimos, embora sejam conceituados de outra forma, ainda podemos inferir o pressuposto da replicação viral dos memes de Dawkins.

O meme, como gênero textual, objeto de estudo desta pesquisa, é conceituado por Almeida (2018, p. 300) como “frutos da modernidade líquida, pensada por Bauman (2007), e surgem como novos usos da linguagem no ciberespaço”, produtos da linguagem, na interação

comunicativa entre os usuários da *web*. Essa interação cria uma cibercultura por meio da elaboração e circulação de textos multimodais.

Silva (2020, p. 218), também, aponta para o caráter multimodal dos memes ao defini-los como “textos que apresentam múltiplos modos de linguagem e por possuírem um caráter, em sua maioria, de crítica social, além de teor cômico”. Almeida (2018) versa sobre a constituição da multimodalidade, que é característica dos memes, na linguagem, por meio de diversidade e interconexão de recursos humanos (som, cor, luz, movimento etc.) que diversificam a interação humana. Outro aspecto importante, acerca do meme, é ainda mencionado por Almeida (2018) e diz respeito ao aspecto contextual do gênero textual, pois são criados a partir dos eventos cotidianos e propagados nos mais variados meios de comunicação, e são, por isso, não apenas cômicos; para além disso, são também críticas de práticas sociais.

O estudo dos memes, então, se justifica na necessidade de compreendermos as relações sociais que são erigidas no ciberespaço. Rodrigues (2020) aponta esta necessidade em seu trabalho:

Com a emergência das redes sociais, o mundo e as relações que estabelecemos nele apresentam-se on-line. Diferentes ideias são, assim, construídas e, como consequência, a propagação/divulgação dessas ideias, também, o são. Há, então, a necessidade de compreendermos a vida social que se constrói e se mostra pervasiva, a partir desses espaços. (RODRIGUES, 2020, p. 188)

Os memes constituem-se, neste cenário virtual das relações humanas, veículo para a propagação das ideias; são a linguagem em uso, multimodal e viralizada. Compreendê-los é, então, entender como a linguagem opera ao veicular as ideias e como ela se acha estruturada na cognição dos usuários das redes. Tendo sido isto exposto, passemos aos critérios de constituição do *corpus* da pesquisa.

2.3.2 Arfando desejos: selecionar o *corpus* e preparar o corpo

Alguns critérios de seleção e compilação de dados foram seguidos para determinarmos o *corpus* deste estudo e contribuíram para o estabelecimento da metodologia aqui descrita:

- 1) O *corpus* foi constituído por memes veiculados na internet, em língua inglesa, coletados de 20 de dezembro de 2020 a 30 de janeiro de 2021.
- 2) Foram coletados seis (6) memes, divididos em três (3) grupos: o primeiro, com textos dedicados ao estudo da conceptualização de PENIS; o segundo, dedicado ao estudo

da conceptualização de VULVA / VAGINA; e o terceiro, para estudo das conceptualizações de ANUS.

- 3) A ferramenta de pesquisa Google Search⁶, serviço mantido pela empresa Google LLC, foi selecionada como espaço de coleta dos memes que constituem o *corpus*.
- 4) A coleta dos memes não se deu aleatoriamente. Primeiro, foram inseridas no buscador as entradas “*memes on penis*”, para a composição do primeiro grupo, “*memes on vagina*”, para formar o segundo, e “*memes on anus*”, para a composição do terceiro. Depois de inseridas as entradas, selecionamos a ferramenta *imagens* do buscador. Os memes mostrados foram visualizados individualmente – do primeiro, que aparece no topo, à esquerda, aos demais, seguindo à direita e abaixo – e selecionados de acordo ao domínio-alvo a ser compreendido em cada um dos grupos formados. Desse modo, a coleta do primeiro grupo se encerrou quando os dois (2) primeiros memes sobre o domínio-alvo PENIS foram encontrados, então passamos à constituição do segundo grupo, e o processo se repetiu para a constituição do terceiro grupo.
- 5) Os memes, bem como os links gerados na busca, foram compilados e armazenados, e seguiram para estudo.

Uma vez expostos os critérios de compilação de dados, passemos, agora, à descrição dos procedimentos de estudo empreendidos:

2.3.3 Estudo do *corpus*: a que(m) serve este corpo?

Os procedimentos adotados para o estudo dos memes compilados baseiam-se em, além do problema e objetivos de pesquisa, nos métodos presentes em alguns dos trabalhos citados na bibliografia:

1. Revisão da bibliografia selecionada para este trabalho, a fim de melhor embasar nosso ponto de vista apresentado na descrição e interpretação dos textos.
2. Leitura detalhada dos multimodais a fim de identificar, nos componentes verbo-imagéticos dos textos, as conceptualizações dos domínios-alvos (PENIS, VULVA / VAGINA e ANUS);
3. Descrição dos elementos constitutivos dos textos;

⁶ Este é, atualmente, o serviço de pesquisa mais usado no mundo e os resultados apresentados vêm de inúmeros outros sites, uma vez que a ferramenta está constantemente sendo atualizada com dados lançados na Web. Informações disponibilizadas pela própria companhia em <https://www.google.com/search/howsearchworks/#ourApproach>.

4. Descrição dos *frames* acionados a partir dos elementos constitutivos do meme;
5. Estudo das conceptualizações metafóricas, metonímicas e / ou imago-esquemáticas encontradas no *corpus* e descrição do processo de mesclagem conceptual de geração de sentido do meme;
6. Investigação de possíveis *affordances* no processo de conceptualização e expansão da rede onomasiológica dos domínios-alvos;
7. Sistematização e exposição dos resultados obtidos.

Sigamos, agora, ao estudo do *corpus*-corpo.

3 DESPINDO O *CORPUS-CORPO*

O estudo de cada um dos textos será feito separadamente e em etapas a fim de prover um encadeamento analítico de fácil compreensão. Contudo, iniciaremos com um breve panorama a respeito da construção do tabu na cultura e de como as noções do que tabu orientam o uso da língua.

O tabu é um conceito antropológico que se refere a uma norma ou regra social que é considerada sagrada, proibida ou impura em uma determinada cultura. Essas normas podem envolver uma variedade de comportamentos, ações, objetos ou tópicos de conversa que são considerados proibidos, intocáveis ou socialmente inaceitáveis. Segundo Ivica Jeđud (2017, p. 28, tradução nossa), “o senso de decência [...] tem sido ao longo dos tempos uma rica fonte de tabus”⁷. Como operam na esfera do pensamento, o tabu exerce forte controle sobre os indivíduos do meio social ao qual é intrínseco.

Se está fortemente enraizado na cultura e opera no campo do pensamento, é inevitável que os tabus não estejam presentes em nossas formas de comunicação, moldando nossas formas de uso da língua. Dessa relação tabu – língua é que surgem os muitos eufemismos que permeiam nosso linguajar, para uso pelo falante que deseja evitar as penalidades impostas àqueles que quebram as normas convencionalizadas pela cultura. Em contrapartida, “há aqueles rebeldes que estão dispostos a quebrar essas regras e violar, casualmente, os tabus linguísticos por diversas razões.”⁸(IVICA JEĐUD, 2017, p. 28).

Isso posto, seguiremos ao estudo dos memes, em grupos, que constituem o corpo desta pesquisa, a fim de lançar luz sobre os processos cognitivos que permitem a emergência dessas estruturas eufemísticas.

3.1 É UMA COBRA, É UM PAU E MAIS O QUÊ?

Nesta seção, iniciamos o estudo dos textos relativos ao domínio-alvo PENIS. O meme que analisaremos agora é um multimodal: congrega os modos verbal e não verbal na construção do sentido que se pretende comunicar.

⁷ Do original: “The sense of decency and propriety has been throughout the ages a rich source of taboos.”

⁸ Do original: “There are some rebels that willingly break those rules and violate linguistic taboos on occasion for different reasons.”

Meme 1: There's a snake in my jeans.



Fonte: <https://abrir.link/a6hVz>

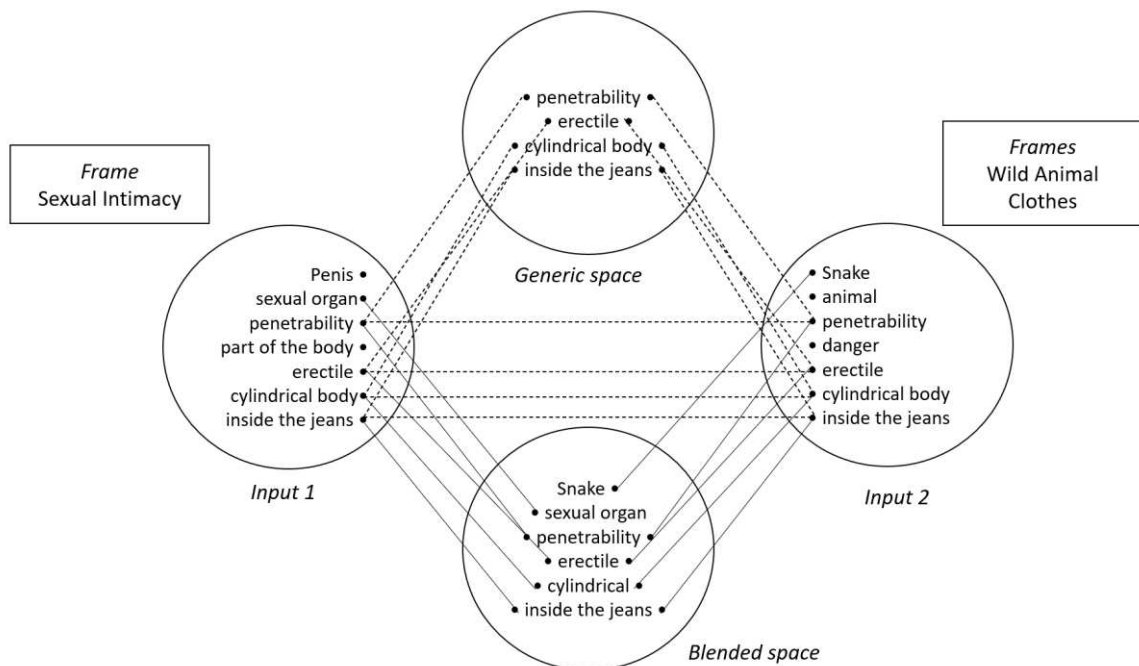
Os elementos não verbais dispostos no Meme 1 evocam o *frame* INITIMIDADE SEXUAL (*SEXUAL INTIMACY*), que é constituinte do domínio da experiência RELAÇÃO SEXUAL (*INTERCOURSE*), e pode ser inferido a partir da proximidade dos personagens que, embora não estejam despidos, performam movimentos mais ousados, como que durante o coito. Ambos estão em um cômodo fechado, de portas trancadas, indicando privacidade que reforça a intimidade sexual entre os dois. É importante destacar que a posição de submissão feminina e a mão masculina no cabelo também remetem ao mesmo contexto. O meme também contém elementos verbais: a expressão “*There’s a snake in my jeans*”, que instancia o domínio-fonte SNAKE a partir do item léxico *snake*. Parte desta mesma expressão também dá o suporte à instanciação do domínio-alvo, PENIS, que está visualmente implícito na cena, mas vem à tona através do sintagma preposicional “*in my jeans*”, acionando o esquema imagético CONTÊINER. Esta compreensão imago-esquemática nos permite entender *jeans* como um recipiente e isto aciona a existência de um conteúdo: *snake*, explicitamente apontado na expressão, e *penis*, revelado pelos *frames* ativados.

Dessa forma, temos uma conceptualização multimodal do tipo Alvo Inferência Visual é Fonte Verbal. Portanto, ativamos a metáfora PENIS IS A SNAKE. Podemos compreender a emergência dessa nova construção eufemística, SNAKE como PENIS, através do processo cognitivo da Mesclagem Conceptual entre dois termos que é ativado pelas pistas imagéticas

contidas no meme, além, é claro, da afirmação *There's a snake in my jeans*, e dos *frames* evocados: *SEXUAL INTIMACY*, *CLOTHES* e *WILD ANIMAL*.

Dois espaços mentais são acionados e fornecem os elementos que farão parte do processo de mesclagem. No primeiro deles, *input 1*, PENIS. No segundo, *input 2*, SNAKE. Uma projeção entre os *inputs* relaciona os elementos análogos, ou as contrapartes, que são *affordances*⁹, como a penetrabilidade, capacidade de se apresentar ereto e corpo cilíndrico, além do fato de, nesse contexto, ambos estarem dentro do jeans – independentemente do modo pelo qual se chegou a essa conclusão, se pelas imagens ou expressão linguística. Em seguida, os elementos análogos são projetados na estrutura abstrata, o *Generic Space*. No *Blended space*, surge a estrutura emergente que não havia nos *inputs*. Por complementação, temos o processamento da metáfora PENIS IS A SNAKE, logo, *snake* passa a figurar como um eufemismo para *penis*.

Figura 1 – Representação diagramática da construção do eufemismo no Meme 1.



Fonte: Elaboração própria.

O segundo texto para estudo nesta subseção será apresentado logo em seguida. Seguindo a estrutura de análise, apresentaremos o meme descritivamente para, então, escrutinarmos os processos da cognição adjacentes à sua significação.

⁹Que são, como mencionado anteriormente na apresentação da seção teórica, as características físicas apresentadas pelos objetos que instanciam e modelam a maneira como os indivíduos manipulam as coisas e agem no ambiente.

O Meme 2 é composto por uma imagem de fundo que preenche quase todo o quadro. A imagem mostra um castor, que é um roedor semiaquático, nativo das regiões da América do Norte e Europa. O castor está parcialmente molhado e segura, em suas patas e boca, um pequeno pedaço de madeira (*wood*). À frente da imagem, há a *pick-up line*¹⁰ “*Hey girl are you a beaver because you could eat my wood*”.

Meme 2: Hey girl are you a beaver because you could eat my wood.



Fonte: <https://abrir.link/E5beg>

De acordo com Kleinke et al. (1986 *apud* BERKES, 2021), há pelo menos três tipos de *pick-up lines*: as *direct*, que comunicam o interesse em alguém objetivamente, como em “*Que carinha de bebê, posso te dar de mamar?*”; as *innocuous*, em que a intenção de quem as enuncia fica subentendida, como em “*Você estuda cursa inglês aqui no campus também?*”; e as *flippant*, como a clássica “*Seu pai é padeiro? Porque você é um sonho*”, cuja característica principal é o humor e, talvez por isso, “possam ser menos convincentes” (CUNNINGHAM, 1989 *apud* BERKES, 2021, p. 7).

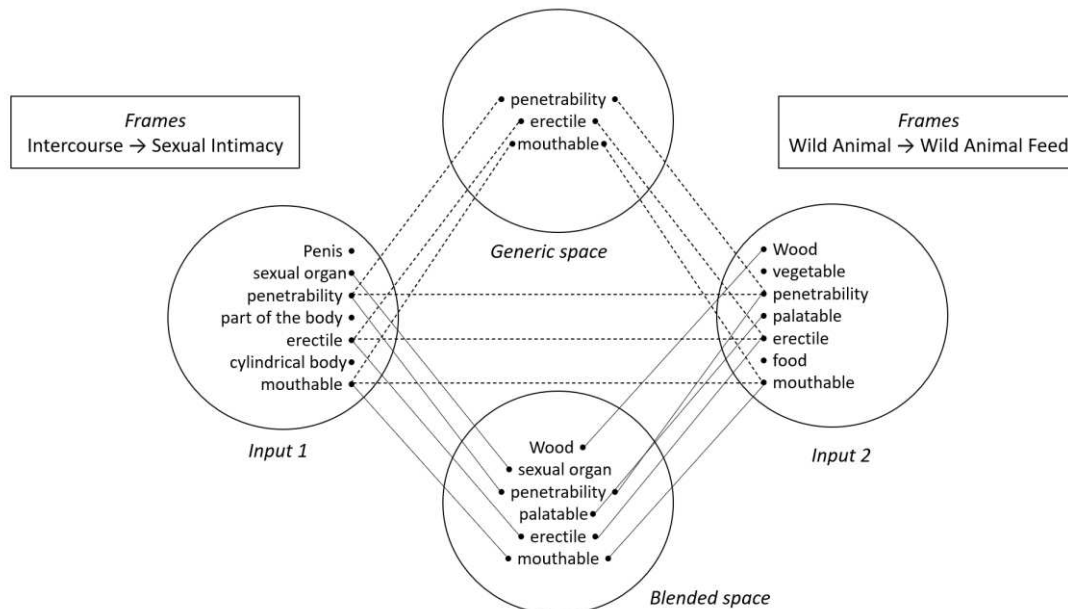
A expressão linguística no meme se trata, portanto, de uma *flippant line*. Ao saber de que o enunciado se trata de uma cantada, o leitor / compreendedor ativa o *frame* SEDUÇÃO (*SEDUCTION*). Este, assim como o *frame* INTIMIDADE SEXUAL (*SEXUAL INTIMACY*), conecta-se ao domínio da experiência RELAÇÃO SEXUAL (*INTERCOURSE*). Tal conexão é possibilitada pelo arranjo das unidades linguísticas – o vocativo “*hey girl*” e, principalmente, o sintagma verbal “*you could eat my wood*”, que suscita uma declaração condicional contrafactual apontando para um possível contato íntimo, instanciando, assim, o esquema imagético CONTATO. Daí, os *frames* SEDUÇÃO e INTIMIDADE SEXUAL apresentam-se contíguos e

¹⁰ As *pick-up lines* são enunciados geralmente curtos que tem por objetivo seduzir ou conquistar a quem são direcionados.

relacionados ao domínio da experiência RELAÇÃO SEXUAL. O *frame* ANIMAL SELVAGEM (*WILD ANIMAL*) é evocado pictoricamente: a natureza, o castor em seu habitat natural ou a madeira que ele leva à boca, e que também evoca o *frame* ALIMENTAÇÃO DE ANIMAL SELVAGEM (*WILD ANIMAL FEED*); há também, aqui, uma relação de contiguidade entre os *frames* no domínio da experiência da VIDA ANIMAL (*ANIMAL LIFE*). A união dos modos verbal e não verbal do texto estudado, e das estruturas cognitivas que eles ativam, instanciam as metáforas PENIS IS A WOOD e PENIS IS FOOD. A conceptualização multimodal da sexualidade se dá pelo tipo Alvo Inferência Verbal é Fonte Verbo-Visual.

Esta estrutura emergente, *wood* como eufemismo para *penis*, nasce das projeções dos elementos análogos que são constituintes das estruturas de conhecimento suscitadas por cada um dos itens léxicos, como podemos observar no diagrama abaixo. O primeiro *input* apresenta uma estrutura relativa à sexualidade pênis, inferida a partir do *frame* *SEDUCTION* contíguo ao *frame* *SEXUAL INTIMACY* no domínio da experiência *INTERCOURSE*; o segundo, contém a estrutura relativa ao item lexical *wood*. No espaço genérico, surgem as contrapartes resultantes das projeções entre os *inputs* 1 e 2 que dizem respeito ao que é comum a ambas as estruturas em cada um deles: a capacidade de penetrar, de se manter ereto e de serem levados à boca. A estrutura emergente, que revela um novo eufemismo para *penis*, surge no espaço-mescla.

Figura 2 – Representação diagramática da construção do eufemismo no Meme 2



Fonte: Elaboração própria.

Passemos, agora, ao estudo do segundo grupo de memes.

3.2 PARA SERVIR, DEGUSTAR E DESGOSTAR

Os memes agora analisados tem como objeto de estudo o domínio-alvo VULVA / VAGINA. O primeiro deles, que segue este parágrafo, é também constituído de dois modos: verbal e não verbal. Os constituintes visuais do meme mostram uma mulher sobre sua cama, com seu corpo coberto parcialmente por um lençol que parece estar abrindo para mostrar sua nudez a seu gato, que está à sua frente e tem as patas dianteiras amarradas à cabeceira da cama; na cena, a iminência do ato sexual aciona *frames* comuns ao domínio da experiência RELAÇÃO SEXUAL (*INTERCOURSE*), sendo eles SEDUÇÃO (*SEDUCTION*), INTIMIDADE SEXUAL (*SEXUAL INTIMACY*), SUBMISSÃO (*BONDAGE*) e, até mesmo, ZOOFILIA (*ZOOPHILIA*); o último tem seu acionamento interrompido pela expressão linguística “*He asked me for a pic of me playing with my pussy. I hope he likes it*”, que situa o contexto necessário à compreensão da mensagem veiculada.

Meme 3: He asked me for a pic of me playing with my pussy. I hope he likes it.



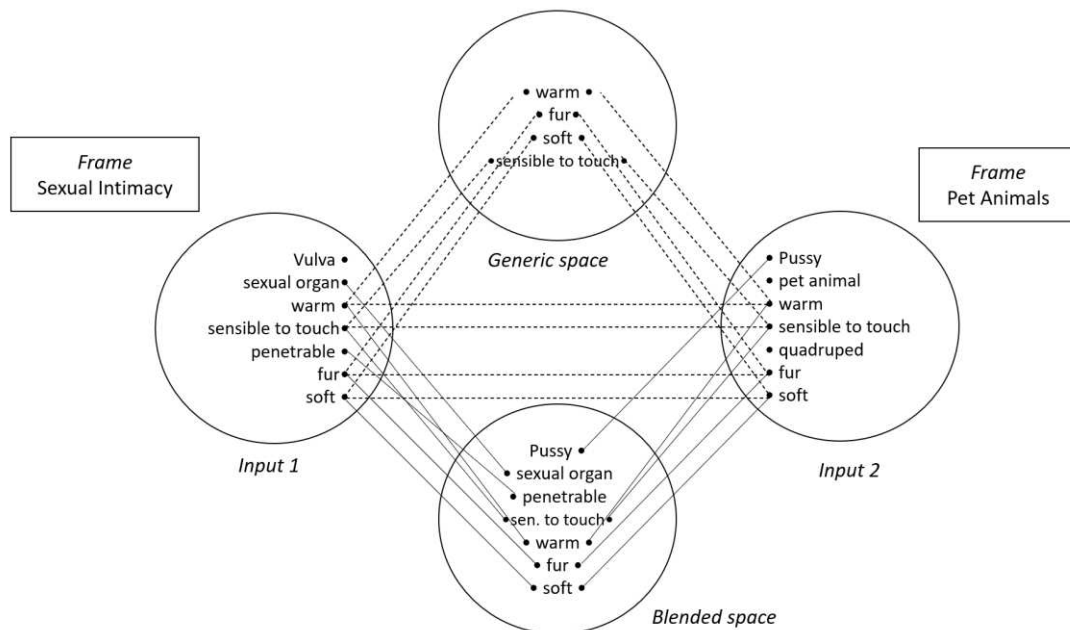
Fonte: <https://abrir.link/Yz9ND>

A parte verbal, no meme, posiciona, na estrutura do meme, uma terceira pessoa, *he*, que é entendido agora como a motivação para o que acontece na cena. A cena se desenrola a partir de um desejo de *he* manifestado através de seu pedido para vê-la brincar com sua gatinha. O sintagma verbal *playing with my pussy* aciona o *frame* BRINCADEIRA COM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO (*PLAY WITH PET*), que evidencia, em sua estrutura, muitas ações como tocar, acariciar, sentir-se bem, ficar feliz, demonstrar afeto e tantas outras; o *frame* faz parte do domínio da experiência do ENTRETENIMENTO (*ENTERTAINMENT*).

É importante notarmos que, neste meme, a integração dos dois modos é essencial não somente para a ativação de *frames*, mas, principalmente, para a seleção daqueles mais necessários à construção do significado e, conseqüentemente, o descarte daqueles dispensáveis. A mesclagem dos aspectos verbais e não-verbais elimina os *frames* da ZOOFILIA e BRINCADEIRA COM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, uma vez que já compreendemos que o pedido feito não se trata de uma foto com animal de estimação. Entra em ação, agora, o *frame* MASTURBAÇÃO (*MASTURBATION*) e a metáfora, do tipo Alvo Inferência Visual é Fonte Verbo-Visual, VULVA / VAGINA IS AN ANIMAL – e seus tantos desdobramentos, como VULVA / VAGINA IS A PET ANIMAL, VULVA / VAGINA IS A CAT ou VULVA / VAGINA IS A PUSSY – é acionada.

É possível descrevermos a integração conceptual, processo cognitivo que culmina na estrutura emergente *pussy*, eufemismo componente da rede onomasiológica de *vulva / vagina*.

Figura 3 – Representação diagramática da construção do eufemismo no Meme 3.



Fonte: Elaboração própria.

Os *inputs* 1 e 2 são espaços mentais que congregam o conhecimento que se tem sobre domínio-alvo e domínio-fonte, respectivamente. No espaço genérico, as contrapartes, ou seja, os pares de características comuns aos dois domínios, são projetadas. *Affordances* não somente visuais, mas também aspectos sensoriais de ordem tátil, são evidenciadas nessa projeção: o pêlo, a capacidade de se manter aquecido, a flexibilidade, maciez; também a sensibilidade ao

toque. No espaço mescla, a estrutura emergente resultante das interações entre os *frames* reconstrói o sentido de *pussy*.

É importante destacar que *pussy*, como um eufemismo para *vulva* ou *vagina*, e que é uma estrutura emergente de uma mesclagem, é uma construção compartilhada culturalmente ao longo do tempo, portanto já convencionalizada na Língua Inglesa, de modo que os falantes a utilizam sem mesmo se dar conta das operações cognitivas que ocasionaram este uso.

O Meme 4 também trata da conceptualização da sexualidade anterior feminina – *vagina*. O texto se constitui de uma imagem de fundo e um enunciado verbal: o constituinte pictórico nos apresenta uma barraca em tons de carne. É válido mencionar que a imagem para o meme, na verdade, é o registro fotográfico de uma das esculturas da artista Andreas Hasler para um trabalho chamado *Embrace the Base*¹¹, uma exposição de 2014 em homenagem a um grupo de mulheres que, em 1980, protestavam contra o armazenamento de armas nucleares em Berkshire, Inglaterra. Os aspectos visuais da barraca da foto trazem a ideia de que é feita de carne.

Meme 4: When she says she's only slept with a few guys but her meat tent tells a different story.



Fonte: <https://abrir.link/genfv>

Ao conceptualizador/a, o componente imagético faz evocar o *frame* ACAMPAMENTO (*CAMPING*), cuja estrutura de conceitos relacionados compreende os conhecimentos que temos

¹¹ “Bloody meat tents pay tribute to nuclear protesters” <https://www.theverge.com/2014/2/18/5421716/andrea-hasler-embrace-the-base-greenham-common-nuclear-protest>

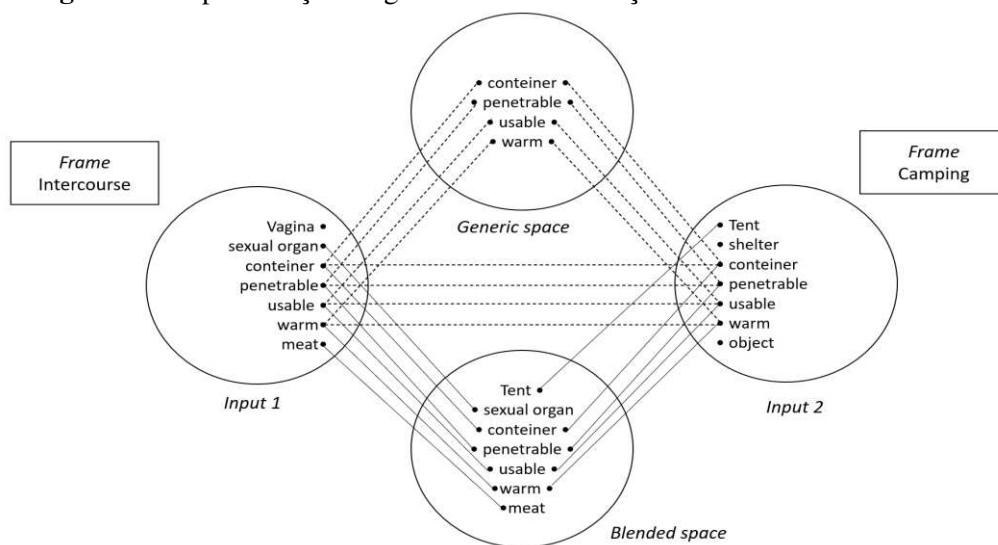
sobre uma barraca, assim como as possibilidades de interação disponíveis com ela – suas *affordances*: entrar e sair da barraca, guardar coisas nela, esquentar-se em seu ambiente de conservação de calor, poder se aconchegar em seu interior etc.

Esta rede de conhecimentos levantadas pelo *frame* ACAMPAMENTO (*CAMPING*) é uma das fontes para a composição da estrutura emergente da mesclagem conceptual que nos permite compreender este meme. Entretanto, neste processo de construção de sentido, devemos nos voltar ao conteúdo verbal para que haja compreensão global do texto memético.

O enunciado “*When she says she’s only slept with a few guys but her meat tent tells a different story*” nos dá uma nova perspectiva sobre a barraca, uma vez que o leitor / compreendedor desloca o sentido de *tent* guiado pela ativação de um novo *frame*, RELAÇÃO SEXUAL (*INTERCOURSE*). Esta ativação decorre do que se expressa linguisticamente em “*she’s only slept with a few guys*”, pois a locução gramatical verbal *to sleep with*, atestada em diversos dicionários da língua inglesa, como o Merriam-Webster¹², equivale a *to have sex with*.

A conceptualização multimodal instancia a metáfora VAGINA IS A MEAT TENT, do tipo Alvo Inferência Verbal é Fonte Verbo-Visual como uma especificação da metáfora VAGINA IS A CONTEINER, estruturada pelo esquema imagético CONTÊINER, já que a vagina pode ser percebida como um recipiente apto a ser preenchido / penetrado. Vejamos a representação diagramática do processo de integração conceptual que culmina a estrutura emergente eufemística *meat tent*:

Figura 4 – Representação diagramática da construção do eufemismo no Meme 4



Fonte: Elaboração própria.

¹² “Sleep with.” Merriam-Webster.com Dictionary, Merriam-Webster, <https://www.merriam-webster.com/dictionary/sleep%20with>. Accessed: 14 Jun. 2023.

Percebemos, no panorama traçado a respeito da LC, que os significados são construídos a partir de nossa perspectiva conceptual e experiencial, e, por isso, não podemos desvinculá-los dos fenômenos “bio-psico-sócio-histórico-cultural-religioso-ideológico” (RODRIGUES, 2022, p. 82) que permeiam nossa existência. Por conseguinte, é observável, na construção dos memes dos primeiro e segundo grupo analítico a cosmovisão de uma sociedade patriarcal e falocêntrica que culminam em uma percepção objetificada da sexualidade anterior feminina.

Dito isso, prosseguiremos, agora, ao estudo do último grupo de memes que objetiva compreender como se dá a compreensão da sexualidade posterior *anus*.

3.3 É DE MIM: TABU, AROMAS, SABORES E DORES

Dedicamos esta seção ao estudo dos memes sobre *anus*, mas, antes disso, à subjetividade do pesquisador que, pelo método introspectivo, investiga a conceptualização desta sexualidade que conversa intimamente com sua própria performance sexual.

Com base nos contextos dos memes para os quais olharemos com minúcia nos próximos parágrafos, irei me referir a *anus*, o domínio-alvo cuja conceptualização busco investigar, de sexualidade não-feminina posterior, por entender que se tratam de corpos *queer* biologicamente atribuídos masculinos no nascimento, em que a performance sexual demanda atividade anal, associada ou não à atividade sexual peniana.

O Meme 5 é de caráter multimodal, verbo-imagético. Os recursos pictóricos nos mostram quatro diferentes rosquinhas (*doughnuts*) e ativam o domínio da NUTRIÇÃO (*NUTRITION*). Eles também suscitam o *frame* ALIMENTO (*FOOD*) que agrupa diferentes conceitos e conhecimentos como escolher o alimento, pegar o alimento, comer, sentir sabor que pode ser doce, amargo, salgado, azedo etc. O acionamento do domínio-alvo *anus* se dá por inferência possibilitada pelas expressões linguísticas contidas no meme, sendo elas “*pride Thursday*”, “*pride Friday*”, “*pride Saturday*” e “*pride Sunday*”, além do título que o meme leva no site que o veicula: “*Why must my gay friends ruin donuts for me...*”. As expressões em questão estão relacionadas ao domínio da experiência ENTRETENIMENTO (*ENTERTAINMENT*) por meio do *frame* PARADA DO ORGULHO LGBTQIAPN+¹³(*LGBTQIAPN+ PRIDE PARADE*).

¹³ LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Póli, Não-binárias e mais.

Meme 5: Why must my gay friends ruin donuts for me.



Fonte: <https://abrir.link/vDlcy>

Quanto aos conceitos, símbolos e conhecimentos intrínsecos ao *frame*, citamos a política de ações afirmativas, expressão da diversidade de identidade e, principalmente, de orientação sexual, manifestação do corpo *queer* em suas múltiplas performances, propagação das lutas, símbolos inerentes à comunidade e a derrubada do tabu quanto à obtenção do prazer do corpo *queer*.

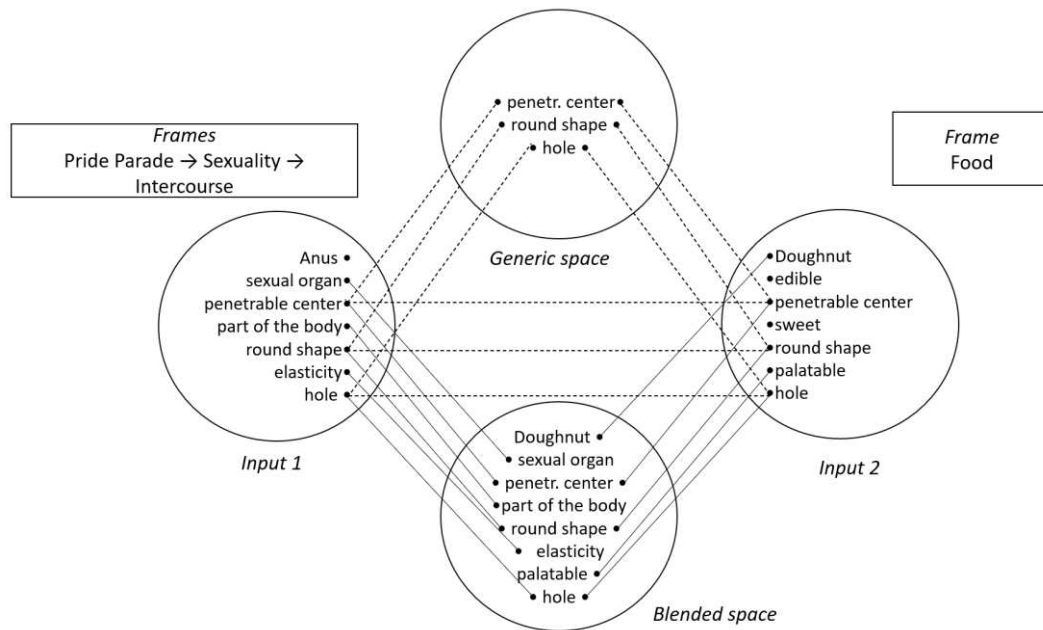
Todos esses conhecimentos também se acham emaranhados ao domínio da SEXUALIDADE (*SEXUALITY*) e, em se tratando de obtenção de prazer, é possível suscitar o *frame* RELAÇÃO SEXUAL (*INTERCOURSE*). Este *frame* aliado ao apelo imagético, permite a conceptualização do tipo Alvo Inferência Verbal é Fonte Verbo-Visual e instancia a metáfora conceptual ANUS IS A DOUGHNUT, como uma especificação da metáfora ANUS IS FOOD.

Além disso, a integração dos modos verbal e não verbal traz, em maior grau de especificidade, a metáfora EATING AN ANUS IS EATING A DOUGHNUT, a partir da ativação do esquema de imagem ESCALA. A metáfora conceptual é estruturada pelos esquemas de imagem que possuem dependência com o esquema PERCURSO. Ao analisarmos os recursos pictóricos, podemos compreender que, ao longo dos dias, o ânus traça um percurso que resulta em sua dilatação gradual. Desta forma, percebemos variações do esfíncter anal: de mais comprimido a mais dilatado.

Como já feito anteriormente, representaremos por meio de diagrama o processo de Integração Conceptual que mostra as projeções entre os espaços mentais na formação da estrutura emergente *doughnut*. Os espaços mentais, *input 1* e *input 2*, contêm os conhecimentos e conceitos que formam a estrutura conceptual de *anus* e *doughnut*. Esses são acionados pelos

frames a que cada unidade lexical tem relação. No espaço genérico, podemos observar as características (conceitos e conhecimentos, que envolvem *affordances*) que são comuns a ambas construções, portanto contrapartes de si. Este mapeamento permite a mesclagem conceptual que faz a estrutura emergente surgir, por complementação, no espaço mescla, de modo que *doughnut* pode se tornar parte da rede onomasiológica de *anus*.

Figura 5 – Representação diagramática da construção do eufemismo no meme 5



Fonte: Elaboração própria.

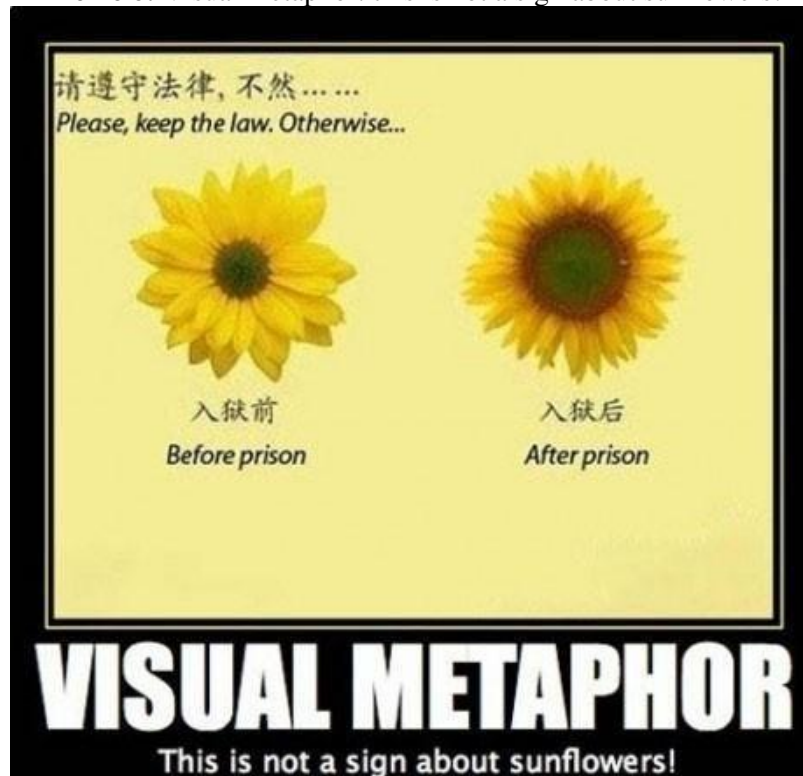
Há que se destacar que esse processo de conceituação de *anus* como sexuália está ancorado em diversas noções tabus de nossa sociedade. Esta noção se revela, principalmente, no título do meme analisado acima: “*Why must my gay friends ruin donuts for me...*”¹⁴. A construção verbal *to ruin* aciona os *frames* da DESTRUIÇÃO (*DESTRUCTION*) e DEGRADAÇÃO (*DEGRADATION*), de estrutura mais concretas, como se pode observar em expressões como “*Hurricane Sandy ruined New York*”, mas também para expor situações mais abstratas como em “*How same-sex marriage could ruin civilisation*”¹⁵, embora muitos desses usos metafóricos estejam amplamente impregnados que nem mesmo nos damos conta disso. Deste ponto de vista, a obtenção de prazer sexual anal por homens é entendida, sob a perspectiva do tabu da sociedade ocidental, patriarcal, heteronormativa e de base moral judaico-cristã, como sendo degradante, portanto, passível de punição.

¹⁴ O título do meme não aparece na imagem, apenas na publicação do site onde foi veiculado.

¹⁵ “How same-sex marriage could ruin civilization” <https://www.theguardian.com/science/brain-flapping/2015/jun/29/same-sex-marriage-ruin-civilisation-science>

No Meme 6, investigaremos os processos cognitivos de compreensão e conceitualização do domínio-alvo em termos do domínio-fonte presentes na tessitura do gênero textual estudado, com vistas ao contexto bio-psico-sócio-histórico-político em que o sujeito *queer* está inserido.

Meme 6: Visual metaphor: this is not a sign about sunflowers!



Fonte: <https://abrir.link/BnGJO>

O multimodal se apresenta em um quadro predominantemente amarelo de bordas pretas e traz, como recurso pictórico essencial à compreensão da mensagem que veicula, duas flores conhecidas pelo nome de girassol, mas diferentes: a primeira, com o centro menos desenvolvido, portanto menor; a segunda, com o centro mais desenvolvido, por conseguinte, mais alargado. Os recursos imagéticos acionam o *frame* VIDA VEGETAL (*PLANT LIFE*), articulando conhecimentos a respeito do desenvolvimento de flores, como o girassol. Por vias dos estudos botânicos, é sabido que, durante seu processo de inflorescência, o girassol amplia uma parte de sua anatomia conhecida como capítulo, de onde surgem as flores férteis e inférteis. O capítulo corresponde, visualmente, ao centro, ou miolo, do girassol¹⁶.

¹⁶ Como a interdisciplinaridade é um dos compromissos da investigação em LC, as informações citadas sobre a anatomia e desenvolvimento do girassol partem de estudos em Agronomia e Botânica e foram retirados do site *SmartAgro 4.0*, na publicação *Mel de girassol*, de Daniele Lorenzon, disponível em <https://smartagro40.wordpress.com/2021/04/29/mel-de-girassol/> e acessado em 05 de junho de 2023.

O texto ainda traz uma expressão linguística que se configura um apelo ou conselho: “*Please, keep the law. Otherwise...*”; e os subtítulos respectivos às flores: “*Before prison*” e “*After prison*” sob os primeiro e segundo girassóis. Além disso, outros componentes verbais são mostrados no rodapé como um alerta de que o texto é uma metáfora visual que não se trata, obviamente, de girassóis.

A expressão linguística ativa o domínio da experiência da LEI (*LAW*). A este domínio estão atrelados alguns *frames* imprescindíveis à compreensão da mensagem que se veicula no meme e ao entendimento dos processos cognitivos que nos permitem compreendê-la da forma que compreendemos. Dentre eles, é acionado o *frame* PUNIÇÃO (*PUNISHMENT*), cujos conhecimentos advindos de nossa experiência compreendem a transgressão de uma lei, o julgamento do transgressor, e punições prescritas como pagamento de multas, o encarceramento do sujeito punido ou, também, punições não previstas no código penal, mas aplicadas deliberada e ilegalmente, como linchamentos, assassinatos e estupros carcerários, como consta não só do senso comum, mas de denúncias¹⁷ realizadas no âmbito do sistema prisional.

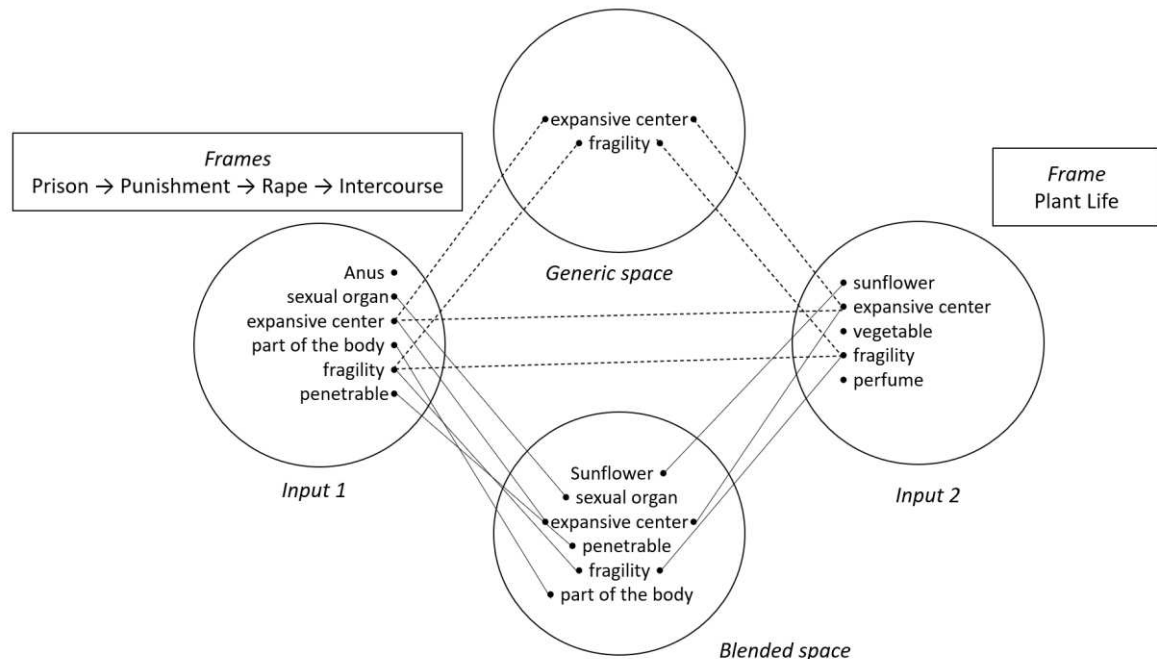
Em seu estudo de caso intitulado *Violência Sexual na cadeia: honra e masculinidade* realizado na Cadeia Pública de Florianópolis, Silva (1997) afirma que a violência sexual entre os presidiários é “justificada como sendo a manifestação de uma pena, imposta e prevista por uma ‘regra social interna’ dos presídios” (SILVA, 1997, p. 124) de modo que esta pena, tida como mais contundente que aquela prevista pelo Estado, visa atingir e sujeitar os símbolos de masculinidade e virilidade da vítima. O autor também atesta que os novatos estão mais suscetíveis a este tipo de punição e que, ainda, entre as vítimas preferenciais, estão os afeminados e é este um dos enquadramentos para a mesclagem dos elementos constitutivos do meme que, integrados, acionam a metáfora.

Temos, então, a metáfora conceptual ANUS IS A FLOWER, ou mais esquemática, ANUS IS A SUNFLOWER, acionada pela interação dos *frames* descritos. A projeção entre os domínios se dá pelo tipo Alvo Inferência Verbal é Fonte Visual. Entretanto, a metáfora instanciada se constitui não somente da projeção entre o Domínio Alvo Inferência Verbal *anus* e o Domínio Fonte Visual *sunflower*, pois há, no Domínio Fonte Visual, uma projeção de entidades contíguas – miolo da flor por flor – indicando um primeiro processo metonímico de conceptualização do tipo PARTE PELO TODO. Assim, temos a metáfora ANUS IS A SUNFLOWER DISC, estruturada pelo esquema de imagem ESCALA, em que o tamanho do miolo do girassol se expande. Vejamos, em uma projeção diagramática, como os espaços

¹⁷ “Prisões de terror.” <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/516762/noticia.html?sequence=1>

mentais se integram na constituição da estrutura emergente *sunflower* como eufemismo para *anus* no texto estudado.

Figura 6 – Representação diagramática da construção do eufemismo no Meme 6.



Fonte: Elaboração própria.

Acima, podemos compreender como os espaços mentais se integram para criar o novo conceito para a *sunflower* com base nos contextos que são selecionados pelos *frames* acionados. No espaço *input 1*, a sucessão dos *frames* *PRISON*, *PUNISHMENT*, *RAPE* e *INTERCOURSE* evoca a estrutura mental da sexualidade *anus* enquanto que, no *input 2*, obtemos os conceitos e conhecimentos sobre *sunflower*. Esses conceitos e conhecimentos perpassam as nossas experiências sensoriais, sobretudo a visual, e são projetados, como contrapartes, no espaço genérico. No espaço mescla, temos a estrutura emergente que, por complementação, projeta o conceito de *anus* em *sunflower*.

3.4 DEVANEIOS DA MENTE-CORPOQUEERIFICADA: TOTEM E TABU EM PAU, BUCETA E CU

Esta subseção é dedicada às reflexões adjacentes ao processo de estudo dos memes que foram surgindo ao passo em que, para chegarmos às metáforas, metonímias, esquemas imagéticos e mesclagens conceptuais que explicitaram a formação dos eufemismos, os conhecimentos da experiência bio-psico-sócio-histórica-cultural-ideológica-religiosa foram

sendo acionados. Isso porque, em LC, a estrutura semântica é a estrutura conceptual, de modo que não podemos desvencilhar o que é linguístico daquilo que é extralinguístico. Assim, partimos da compreensão de que as palavras não carregam o significado em si, mas são pontos de acesso para as estruturas conceptuais, ao conhecimento, que é enciclopédico, e à experiência de uma cognição corporificada.

Ao conceptualizarmos sexualidades, estamos acessando redes de estruturas conceptuais mais complexas, os MCIs, que se associam a outras redes igualmente complexas – seja porque são contíguas entre si ou porque os modelos cognitivos internos de um determinado MCI são partilhados com outro. Desse modo, os modelos cognitivos idealizados que acionamos para *penis*, *vulva / vagina* ou *anus*, quer sejam metafóricos, metonímicos ou proposicionais, como os *frames*, compartilham elementos categóricos que nos permitem estabelecer essa relação de semelhança entre eles e entre MCIs distintos, mas contíguos.

Como exemplos destas relações, podemos evidenciar a relação entre os MCIs *penis* e *man*, e MCIs *vagina* e *woman*. As proximidades entre estes MCIs se dão, principalmente, pela aproximação dos *frames* e relação de prototipicidade categórica entre os pares. Antes de nos debruçarmos sobre isso, precisamos pensar nos aspectos sócio-histórico-culturais que construíram e propagaram os MCIs em nossa sociedade falocêntrica patriarcal. Dentre esses aspectos, estão as noções de falo como totem e o feminino representado como o tabu.

Os conceitos de totem e tabu foram desenvolvidos por Sigmund Freud como parte de sua teoria psicanalítica sobre a natureza da sociedade e da mente humana. O totem pode ser entendido como um objeto, animal ou fenômeno natural que é reverenciado como sagrado por um grupo específico de pessoas e desempenha um papel importante na vida social e religiosa do grupo, servindo como um símbolo unificador e um ponto focal para a coesão social.

O tabu, por sua vez, refere-se a uma proibição ou restrição socialmente imposta sobre determinadas ações, objetos ou comportamentos. Essas restrições são consideradas invioláveis e estão enraizadas na cultura e nas normas de um grupo. O tabu muitas vezes envolve áreas de desejo humano que são consideradas proibidas ou perigosas, como incesto, violência extrema ou transgressões sociais graves. Segundo a *Encyclopedia Britannica*, assinada pelo antropólogo Northcote W. Thomas e citada por Freud (2012 [1913], p. 27) na obra *Totem e Tabu*, os objetos do tabu, que são muitos, incluem “a garantia contra a interferência em atos vitais importantes como nascimento, iniciação, casamento e atividade sexual etc” (FREUD, 2012[1913], p.27).

Segundo Bomfim (2022, p. 134), quando o pensamento sobre a sexualidade começa a espocar nas teorias freudianas, “a Europa do século XIX e XX era altamente marcada por um regime patriarcal e falocêntrico, no qual havia uma rígida distinção entre a masculinidade e a

feminilidade.” Ainda neste período, os discursos do ideal de virilidade deram aos homens uma posição de dominação sobre as mulheres. Estes discursos foram amplamente validados pela cultura bélica, o campo jurídico e as ciências biológicas. A guerra valorizava o homem e seu patriotismo, o campo jurídico validava a superioridade e dominação do homem na família e a biologia reforçava a figura do homem como o principal genitor, supervalorizando o pênis, a penetração e a ejaculação.

Nascia a sociedade falocêntrica, cujo totem pode ser reverenciado como um símbolo de poder e controle, refletindo a hierarquia social na qual os homens são considerados superiores às mulheres. O totem masculino é valorizado e colocado em um pedestal, enquanto o feminino é subordinado e subjugado.

Essa relação de valorização de elementos contíguos – falo pelo homem e homem pelo falo – desencadeou uma série de consequências, como a desigualdade de gênero, a opressão das mulheres e a submissão às normas patriarcais. O totem masculino é usado para justificar e perpetuar a dominação masculina, reforçando as estruturas de poder desiguais e limitando as possibilidades de igualdade e liberdade para todos os membros da sociedade.

Paralelamente ao surgimento da sociedade falocêntrica, as concepções do que é masculino e feminino vão se formando e, os modelos cognitivos idealizados de homem e de mulher vão sendo forjados socialmente e propagados através da cultura e as categorias e *frames* inerentes a cada um deles vão sendo estruturadas em torno dos protótipos de homem e mulher.

Esses protótipos, por sua vez, precisam condizer com os valores biológicos, sociais, culturais, jurídicos, os deveres e as performances que compõem a rede de conhecimento de seus MCIs. Então, o homem prototípico na sociedade falocêntrica é viril, heterossexual, provedor e cabeça da família, detém os direitos sobre o prazer da mulher porque a religião e as normas sociais lhe garantem o direito de dominar sobre ela; a mulher prototípica é submissa e está subjugada, precisa ser mãe para que não se afaste do protótipo, deve manter suas atividades para com a casa e a família em dias, e seu prazer é objetificado.

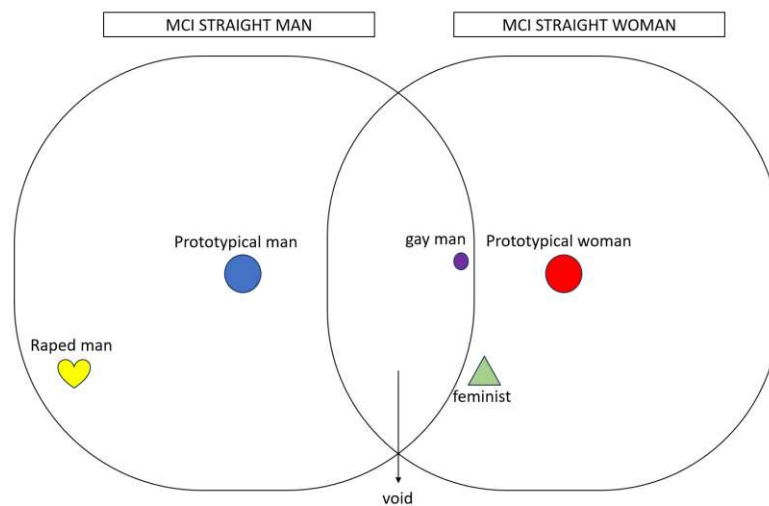
Alguns desses conceitos estão entrelaçados nos *frames* acionados pelos memes analisados. O protótipo viril, heterossexual e que detém o direito sobre o prazer da mulher, e a tem para seu prazer, escancara-se nos memes 1 e 2 analisados na seção 3. De mesmo modo, o protótipo feminino, que tem seu prazer objetificado ou tem a integridade física de sua sexualidade condicionada ao desejo do homem, ou mesmo rechaçada pelo estado de uso, é apresentado nos memes 3 e 4 analisados.

Os elementos constitutivos dos memes 5 e 6, acionaram *frames* relacionados aos demais MCIs, homem e mulher, no processo de conceptualização da sexualidade masculina *anus*. Embora

o MCI de homem tenha sido evocado nesses dois últimos memes, por relação de contiguidade ao domínio-alvo conceptualizado, este não é o mesmo homem prototípico dos memes 1 e 2, pois não são estruturados a partir dos mesmos conceitos.

O homem, no meme 5, é um homem gay e se distancia do protótipo de homem heterossexual da sociedade falocêntrica. É biologicamente homem, mas não carrega o traço genitor, afasta-se da ideia de virilidade e abandona o prazer pela penetração. Por outro lado, compartilha os *frames* que constituem o MCI do protótipo de mulher, porque tem sua sexualidade rechaçada pelo uso. Igualmente, o homem no meme 6 se distancia do homem prototípico heterossexual ao ter seus símbolos de masculinidade e virilidade sujeitados – *frames* PUNIÇÃO e ESTUPRO.

Figura 7 – Onde o homem gay (in)existe na sociedade falocêntrica.



Fonte: Elaboração própria.

Nesta lógica falocêntrica, emerge, então, um ser gay que não pode ser, pois em nenhuma categoria sexual ele pode caber. Este ser gay (in)existe em um ponto de interseção dos MCIs do homem heterossexual prototípico e da mulher heterossexual prototípica na sociedade falocêntrica. Torna-se, com a mulher, tabu.

Como é sabido, os *frames* são estruturas cognitivas e interacionais, uma vez que organizam nosso conhecimento e nosso pensamento, e são acionados pelas palavras que são a ponte para a experiência categorizada. Nesse sentido, são capazes de moldar a forma como utilizamos o nosso discurso, tomando por base as construções sociais e culturais na interação entre os falantes, de modo que o conhecimento linguístico evidencia o conhecimento de mundo.

Dito isso, debrucemo-nos sobre algumas expressões linguísticas que evidenciam a associação dos MCIs homem heterossexual, mulher heterossexual e homem gay com os MCIs *pênis*, *vulva/vagina* e *anus*. Muitas expressões tabuísticas que se utilizam de construções

eufemísticas ou disfemísticas das sexualidades mantêm o padrão de conceptualização construído pela sociedade patriarcal e falocêntrica. A visão depreciativa das sexualidades *anus* e *vulva / vagina* acionam expressões cujo objetivo é insultar:

Quadro 1 - Expressões depreciativas relacionadas às sexualidades anus e vulva / vagina.

Expressões relativas à sexualidade <i>anus</i>	Expressões relativas à sexualidade <i>vulva / vagina</i>
You <i>asshole</i> !	Don't be a <i>pussy</i> !
Essa festa está um <i>cu</i> .	Nick é um zé <i>buceta</i> .
Shove it up your <i>ass</i> .	Give me some water. I'm dry as a nun's <i>cunt</i> .
Enfia no teu <i>brioco</i> .	Fique quieto, cara de <i>xibiu</i> !
Yuck! This soup tastes like <i>ass</i> !	Don't date her. She's a <i>cunt</i> .

Fonte: Elaboração própria.

Os exemplos de expressões mistas dispostas no quadro acima visam a ilustrar como a estrutura de nosso sistema conceptual, que opera de maneira universal, reflete a estrutura semântica da língua que falamos, seja ela qual for.

4 O GOZO, FONTE PARA MAIS CIO

Os estudos cognitivos da linguagem são um campo bastante fecundo, porque podem nos ajudar a entender como a mente humana processa, compreende e produz os conceitos e significados. A linguagem é uma das características mais distintivas e complexas da espécie humana, e sua compreensão é fundamental para a nossa comunicação, interação social e desenvolvimento cultural. Ousamos dizer, a linguagem humana é a eterna dialética do universo, é o sussurro do cosmo que fala de si mesmo.

Através dos estudos cognitivos da linguagem, podemos investigar os processos mentais adjacentes à compreensão e produção da linguagem. Isso inclui examinar a forma como as palavras são armazenadas e recuperadas da memória, como as estruturas gramaticais são compreendidas e produzidas, como o sentido das palavras é representado em seus mais variados modos e, em contrapartida, como a linguagem é afetada por fatores cognitivos, como atenção, memória e processamento mental da nossa experiência no mundo.

Para além disso, os estudos cognitivos da linguagem nos permitem explorar a complexidade da mente humana e como ela se manifesta através da linguagem. Essas investigações têm o potencial de melhorar nossa compreensão da natureza humana e dos fenômenos sócio-histórico-culturais, numa perspectiva holística do conhecimento, e multidisciplinar.

Este trabalho buscou compreender como as sexualidades são conceptualizadas em memes, que são textos multimodais construídos socialmente, de rápida difusão cultural e extremamente criativos, de forma a contribuir para os estudos em Semântica Cognitiva, subárea da Linguística Cognitiva. Pretendeu-se, com esse estudo, compreender como atuam os processos cognitivos, como a Mesclagem Conceptual, na formação de eufemismos, ou disfemismos, que ampliam a rede onomasiológica das sexualidades *penis*, *vulva / vagina* e *anus* com vistas à integração de *affordances* neste processo de integração.

O estudo foi conduzido sob os pressupostos teóricos-metodológicos da LC, a saber a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, que compreendem também a Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais, a Teoria da Metáfora e Metonímia Multimodais, Esquemas de Imagens, Semântica de Frames, além do conceito de *Affordances* a partir da Cognição Ecológica. A partir dos resultados, foi possível compreender que: i. os modos verbal e não-verbal nos memes integram-se em um processo de mesclagem conceptual e resultam numa estrutura emergente metafórica; ii. os domínios alvo e fonte das metáforas conceptuais instanciadas são ativados pelas diferentes semioses, gerando tipos de projeção como “Alvo

Inferência Visual é Fonte Verbal”, “Alvo Inferência Verbal é Fonte Verbo-Visual”, “Alvo Inferência Visual é Fonte Verbo-Visual” e “Alvo Inferência Verbal é Fonte Visual”; iii. as estruturas emergentes dos processos de mesclagem conceptual ampliam a rede onomasiológica do domínio-alvo; iv. os *frames* acionados pelas semioses no processo de significação revelam a estrutura bio-psico-sócio-histórico-cultural em que os conhecimentos do/a conceptualizador/a estão ancorados – a sociedade patriarcal falocêntrica; v. esquemas de imagem do tipo CONTEINER, ESCALA e PERCURSO foram acionados; vi. *frames* e MCIs apresentam relação de contiguidade ou associação, criando pontos de interseção; vii. conceptualizações metonímicas e metafóricas ocorrem simultaneamente nos espaços mentais – DOMÍNIO-ALVO É PARTE-PELO-TODO (ANUS IS A SUNFLOWER DISC).

Os *frames* que ativaram os conhecimentos e conceitos a respeito das sexuálias, no processo de Mesclagem Conceptual, estiveram, de forma mais ou menos prototípica, relacionados ao domínio da experiência RELAÇÃO SEXUAL. Já os *frames* que foram acionados, no processo de integração, pelos domínios-fontes, tiveram relação com domínios da experiência variados: VIDA ANIMAL, VIDA VEGETAL, ALIMENTAÇÃO, ENTRETENIMENTO.

Este trabalho chega ao clímax, mas seu momento de gozo abre portas a novos cios investigativos. Sexuálias são coisas de cheirar, de comer, de brincar, de esconder, de alargar e do que mais? Quais são outras possibilidades de conceptualização e categorização? Partindo da premissa de que as metáforas conceptuais exercem um forte poder sobre as crenças que permeiam o imaginário sócio-histórico-cultural e, por isso, são fortes o suficiente para provocar mudanças de pensamento e atitudes, de ressignificação da experiência, seria possível iniciarmos um movimento recategorização / reconceptualização que nos conduza a um lugar-de-ser melhor?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. A. D. Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptualizados em rede social. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 99-118, 2º sem. 2016.
- ALMEIDA, A. A. D. Multimodalidade, cognição e complexidade: memes em foco. In: GABRIEL, Rosângela et al. (Org.). **(Per)curso (inter)disciplinares em Letras**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p. 299-314. v. 1
- BERKES, M. **Original pick-up lines in online dating and their effects on impression formation: should they be both novel and appropriate?** 2021. 50f. Master's Thesis (Master Degree in Business Communication and Digital Media) - Tilburg School of Humanities and Digital Sciences, Tilburg University, Tilburg, 2021. Disponível em: <https://arno.uvt.nl/show.cgi?fid=154925>. Acesso em: 8 jan. 2023.
- BOMFIM, F.G. O conceito de falo na psicanálise... ainda? **ECOS Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Campos dos Goytacazes, UFF, v. 12, n. 1, p. 133 – 146, 2022.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DUQUE. P. H. **A Integração Conceptual em Charges**. In: XVIII Semana de Humanidades, Natal, 2010.
- DUQUE. P. H. Por uma abordagem ecológica da linguagem. **Pontos de Interrogação**, v. 5, n. 1, p. 55-78, jan. / jul. 2015.
- FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FORCEVILLE, C. Pictorial and Multimodal metaphor. In: KLUG, Nina Maria; STÖCKL, Hartmut (org.). **Handbuch Sprache im multimodalen Kontext** [The Language in Multimodal Contexts Handbook]. Linguistic Knowledge series. Berlin: Mouton de Gruyter, 2016.
- FREUD. S. **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914)**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2012.
- JEDUD, Ivica. Sexual Euphemisms in the English language. **Words to Works**. Patchwork 2 (Special Issue). Zagreb: Odsjek za anglistiku. 2017. p. 26 – 43. Disponível em: [https://anglophonia.ffzg.unizg.hr/wp-content/uploads/2020/07/26_jedud.pdf]. Acesso em: 15 maio 2023.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- LAKOFF, George. Professor Lakoff, metaphors we live by. 5 ago. 2017. Disponível em: https://youtu.be/7_cexWKE7sE. Acesso em: 17 fev. 2020.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; EDUC, 2002 [1980].

LENZ, P. Semântica Cognitiva. In: FERRAREZI JÚNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 31-55.

MARINHO, Elyssa Soares; FERRARI, Lilian. Mesclagem conceptual em piadas curtas. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 147-160, jan-jun de 2016. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 22 abr. 2023.

RODRIGUES, E. P. Como a professora pode ser conceptualizada em texto multimodal: uma leitura do complexus. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, N. M. O. **Semântica Cognitiva Sócio-Histórica: estudos sobre o significado**. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 187-208.

RODRIGUES, E. P. **Conceptualizações de professor/a em memes: estudo à luz da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica**. 2022. 279f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2022.

SALES DE OLIVEIRA, C. Tabus linguísticos nas designações referentes ao corpo humano na Ilha de Valadares, Paranaguá – PR. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 14/2, p. 457-473, dez. 2011.

SANTANA, N. M. O. **Estudo Sócio-Histórico-Cognitivo das Conceptualizações e Categorizações do AMOR em cartas dos séculos XIX e XX**. 2019. 217f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, 2019.

SILVA, E. A. da. Violência sexual na cadeia: Honra e Masculinidade. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 15, n. 21, p. 123-138, jan. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/23371>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, I. S. S. Um estudo das conceptualizações da vida em memes do Facebook. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTANA, N. M. O. **Semântica Cognitiva Sócio-Histórica: estudos sobre o significado**. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 209-228.

SILVA, S. R. da. Da abordagem estrutural ao gerativismo chomskyano. **SOLETRAS**, Ano IX, Nº 18. São Gonçalo: UERJ, 2009. p. 83 – 95.

SILVA, V. P. da. **Implicações discursivas das expressões idiomáticas sob a ótica da análise construcional do discurso**. 2016. 76f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.